

---

## A recepção internacional da obra de A. J. Greimas: viagens, traduções, transmissões\*

Thomas F. Broden\*\*

Tradução de Flavia Karla Ribeiro Santos\*\*\* e Patricia Veronica Moreira\*\*\*\*

---

**Resumo:** Este estudo de caso em história das ciências da linguagem insere-se na perspectiva metodológica da história intelectual, na qual analisamos o impacto internacional de A. J. Greimas (1917-1992) e de sua obra, por meio do estudo das práticas de comunicação, de deslocamento e de tradução. As missões científicas realizadas fora da França, o número e a origem dos estudantes estrangeiros matriculados no seu seminário, em Paris, bem como a cronologia e a geografia linguística das traduções de sua obra ajudam a traçar, avaliar e explicar a difusão e o desenvolvimento mundial das suas ideias. Seu projeto inspirou apropriações distintas e, às vezes, estruturas institucionais em vários contextos culturais e linguísticos, incluindo contextos românicos, anglo-americanos, germânicos, eslavos, lituanos e do leste asiático. A conclusão deste ensaio avalia a importância do contato pessoal, do contexto sócio-histórico e do status sociolinguístico e didático do francês para a recepção mundial de Greimas. Ademais, este trabalho é baseado em trabalhos científicos publicados, documentos de arquivo, entrevistas e comunicações pessoais com tradutores e editores, com Greimas e seus colaboradores e com especialistas das diferentes culturas estudadas.

**Palavras-Chave:** história intelectual; recepção internacional; Greimas; semiótica; tradução.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181034> .

Artigo publicado originalmente em inglês, na revista *Semiotica*, n. 219 (2017) – <https://doi.org/10.1515/sem-2017-0131> – mas reescrito para a conferência “La réception internationale de l’œuvre d’A. J. Greimas”, proferida online no Seminário de Semiótica da Unesp, no dia 22/10/2020: <https://www.youtube.com/watch?v=Hw4g4wf1GvQ&t=5100s> .

\*\* Professor da Universidade de Purdue, em West Lafayette, Indiana, Estados Unidos. E-mail: [broden@purdue.edu](mailto:broden@purdue.edu). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5524-6129> .

\*\*\* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: [flaviakarlar@hotmail.com](mailto:flaviakarlar@hotmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9393-2346> .

\*\*\*\* Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: [moreira.patricia.letras@gmail.com](mailto:moreira.patricia.letras@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909> .

## 1 Introdução<sup>1</sup>

### 1.1 Prelúdio transatlântico

Em maio de 1975, seis jovens peruanos se reuniram para criar a *Asociación Peruana de Semiótica* e para solicitar sua filiação à *Association Internationale de Sémiotique*. Surpreendentemente, eles não se reuniram em sua terra natal, mas em Paris, onde realizavam seus estudos de doutorado sob orientação de A. J. Greimas, que se responsabilizou pessoalmente pela nova organização. No mesmo ano e no seguinte, junto a outros orientandos peruanos de Greimas, eles também fundaram programas de semiótica em cada uma das três principais universidades de Lima (Ballón Aguirre, 1986, p. 388-404)<sup>2</sup>.

Dez anos depois, sete doutorandos – da Argentina, do México, do Peru e da Venezuela – se conheceram durante o seminário de Greimas, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em Paris. Eles decidiram criar uma estrutura duradoura para fomentar as suas afinidades recentemente descobertas e as trocas cada vez mais acentuadas, fundando o *Grupo Latinoamericano de Semiótica* (GLS) – novamente, na capital francesa, e registrando-o legalmente, segundo a lei francesa de 1901, como uma associação francesa sem fins lucrativos. Entre congressos no México e na Argentina, o GLS realizou seu primeiro colóquio internacional na *Maison de l'Amérique Latine*, no *boulevard Saint-Germain*, em Paris, no ano de 1986. Nos comentários de abertura, Greimas apresentou os trabalhos de quarenta de seus alunos, oriundos da América Latina, mas também da Dinamarca, da França, da Itália, do Líbano e de Portugal (Escudero, 2006 [1998], p. 18-26).

Como é que, “tal qual uma história de Julio Cortázar, os primeiros semiólogos latino-americanos se encontraram em Paris”, conforme um deles lembrou mais tarde (Escudero, 2006 [1998], p. 17; ver Cortázar, 1963)? Quais tendências mais amplas e de longa duração levaram à fundação de suas pesquisas semióticas e instituições de ensino em Paris, e não apenas em Bogotá, Caracas, Lima, México, Puebla e Rosário? Em que medida, Greimas e seu seminário desempenharam o papel de trazer à luz essas conexões e esses desenvolvimentos nacionais e internacionais? Este ensaio se esforça para responder a essas e outras questões relacionadas, a fim de investigar os fatores que orientam o desenvolvimento da semiótica ao redor do mundo...

---

<sup>1</sup> As tradutoras, em nome do Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS-UNESP), agradecem aos editores responsáveis, Ivã Carlos Lopes, Eliane Soares de Lima e Carolina Lindenberg Lemos, pelo gentil aceite desta tradução para publicação no presente volume da Revista *Estudos Semióticos*. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> A associação não era legalmente constituída até 2009, de acordo com o website <https://semioticaperuana.wordpress.com/la-asociacion/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

## 1.2 Uma epistemologia de viagem, tradução e transmissão

Desde a segunda metade do século passado, a pesquisa em história das ideias tem destacado as especificidades culturais, temporais e físicas das práticas cognitivas<sup>3</sup>. Baseando-se na história sociocultural, na antropologia e na sociologia do conhecimento, historiadores da ciência e historiadores intelectuais descreveram descobertas, invenções, ideias, crenças e a experiência como processos socializados que emergiram devido à intersecção de forças ligadas a determinados lugares, tempos e interesses (Foucault, 1969; Müller, 2003; Shapin; Schaffer, 1985; Skinner, 1978; Stone, 1979). No entanto, o resgate desse ímpeto benéfico aconteceu na forma de estudos tão focados na contextualização que negligenciaram ou mesmo tornaram quase incompreensível a circulação e a transformação do conhecimento além de seu ponto e momento de início.

Nas duas últimas décadas, a necessidade de investigar a disseminação, bem como a localização, gerou uma virada semiótica que coloca em primeiro plano as “práticas de comunicação, movimento e tradução” (Secord, 2004, p. 656). Estudos na história da ciência e das ideias intitulados “Coisas em movimento”, “Circulação e localidade”, “Conhecimento em trânsito”, “Culturas em movimento” e “Histórias conectadas” destacam o foco na relocação, interação e metamorfose como as principais práticas epistemológicas (Joyce; Gillespie, 2015; Raj, 2010; Rodgers *et al.*, 2013; Secord, 2004; Subrahmanyam, 1997). Informando tais abordagens como história transnacional, estudos de transferência, história interconectada ou *histoire croisée*, e antropologia como “estudos de tradução”, a perspectiva ressalta a importância de viagens e rotas de viagem, zonas de contato e intermediários, bem como processos de confronto, transposição e crioulização (Bachmann-medick, 2009; Charle *et al.*, 2004; Espagne, 1999; Sapiro, 2009; Saunier, 2013; Werner; Zimmermann, 2006).

A imbricação de migração, tradução e mutação no paradigma renovado ecoa a rede semântica da palavra *translatio* em latim, “viajar de um lugar para outro, transferência, tradução”. As empresas translacionais encontram uma miríade de desafios: relações assimétricas e zonas de incomensurabilidade entre línguas e sociedades podem limitar a relação; atrito e lacunas em canais e redes podem dificultar a transmissão; e a atenção desigual a diferentes regiões e subgrupos frequentemente distorce as narrativas da economia geral das trocas (Anderson, 2009; Liu, 2004; Rodgers, 2013; Subrahmanyam, 1997). A recepção de uma nova ideia, ferramenta ou método pressupõe uma interrogação, busca ou abertura prévia por parte do receptor, e o potencial para cada viagem individual,

<sup>3</sup> Agradeço à Unité de Recherche Traverses e ao Centre de Sémiotique et Rhétorique, na Universidade de Liège, assim como ao Seminário de Semiótica, na Universidade Estadual Paulista, em Araraquara, pela oportunidade de apresentar uma versão deste artigo, que se beneficia, em especial, de comentários de Sémir Badir, Carolina Lemos, Maria Giulia Dondero, Jean Cristtus Portela, François Provenzano e Matheus Schwartzmann.

intercâmbio e interpretação é condicionado por trajetórias sócio-históricas maiores e mais longas, estruturas institucionais e tendências culturais. A nova pesquisa cruza com tendências em direção à globalização, que aspiram a fazer variar e a ampliar os horizontes geográficos para além do Ocidente, e em espaços e interstícios intrarregionais, transcontinentais e pós-coloniais (Liu, 1999; Mcdonald; Suleiman, 2015; Moyn; Sartori, 2015).

Na história intelectual e na história da ciência, as investigações nesta linha têm analisado as interações de agentes individuais e coletivos que criam, transmitem e transformam instrumentos, procedimentos, imagens e textos (Mcmahon; Moyn, 2014; Moyn; Sartori, 2015; Secord, 2004; Subrahmanyam, 2015; Terrall; Raj, 2010). Na construção da metodologia da semiótica, os estudos se basearam em fontes como a teoria da ação comunicativa, o pragmatismo peirciano e a doutrina dos signos, a teoria do ator-rede e a linguística e semiologia românicas (Benveniste, 1966-1974; Habermas, 1984; Latour, 2005; Peirce, 1992, p. 124-141, 1998, p. 4-10, 133-241, 331-345, 477-502; Saussure, 1916). O trabalho chamou a atenção e revitalizou a teoria da recepção, os estudos de tradução, as bolsas de estudo para a mobilidade de estudantes e pesquisadores e os estudos do livro e da leitura, que, por muito tempo, se concentraram precisamente nessas práticas (Darnton, 1979; Gaudillière, 2002; Liu, 1999, 2004; Machor; Goldstein, 2001; Polezzi, 2006; Werner, 2004).

### 1.3 A recepção internacional da obra de Greimas

Este ensaio adota a perspectiva focada em viagens, intercâmbio e tradução para estudar o impacto internacional de A. J. Greimas (1917-1992) e sua obra. O estudo de caso em história intelectual e transnacional se empenha em destacar e avaliar os fatores fundamentais que condicionaram a difusão das ideias do linguista e semioticista no exterior. Considerando que a maioria das pesquisas sobre seus métodos se concentraram, com razão, na França, onde ele lecionou e desenvolveu seu grupo de pesquisa, e em publicações em francês, a língua inicial e mais usada para o trabalho (Ablali; Ducard, 2009, p. 43-87; Broden, 2017b; Hénault, 1999), este estudo se concentra em sua propagação e nas novas produções em outras terras e línguas<sup>4</sup>.

O artigo baseia-se em pesquisas e comunicações pessoais com colegas para descrever os contatos diretos entre Greimas e intelectuais no exterior, para especificar a extensão e a cronologia das traduções publicadas de seus escritos e para caracterizar as respostas que ele inspirou, incluindo estruturas institucionais

---

<sup>4</sup> A série de volumes intitulada *Semiotic Web* fornece relatos detalhados da pesquisa semiótica feita mundialmente durante a vida de Greimas (por exemplo: Sebeok; Umiker-Sebeok, 1986, 1990; Sebeok et al., 1988), enquanto a seção anual de "Chroniques" da revista *Signata*, de Liège, relata os desenvolvimentos das pesquisas de diferentes países desde 2010.

criadas para aprofundar sua semiótica<sup>5</sup>. Documentos e entrevistas fornecem informações sobre as palestras e os seminários que Greimas ministrou em todo o mundo, bem como as nacionalidades dos doutorandos que se matricularam na EHESS. Elementos de história sociocultural, relações internacionais e história intelectual esboçam o contexto em que seu projeto se desenvolveu e se espalhou por diferentes países. O grau em que o francês é usado ou ensinado figura como um fator, uma vez que esse uso serve tanto como um índice quanto como um motor para o engajamento com a cultura e as ideias gálicas, incluindo assistir a uma palestra de Greimas ou ler ou traduzir seu trabalho. Dois outros fatores inter-relacionados também desempenham um papel decisivo: as trocas pessoais diretas e a criação de instituições duradouras. A título de exemplo, mais da metade de seus livros traduzidos foram produzidos por intelectuais que acompanharam seu seminário na prestigiosa EHESS em Paris.

As diferenças nas relações das sociedades com a França levam a três categorias principais de respostas ao projeto de Greimas e, para cada uma delas, este estudo destaca duas áreas para um exame específico. O artigo examina, primeiro, as culturas românicas que evidenciam estreitas afinidades com a França, com foco na Itália e na América Latina. Em seguida, investiga algumas zonas de língua germânica com menos, mas ainda com significativa convergência com a cultura gálica: América do Norte anglófona e sociedades falantes de língua alemã. O último painel do tríptico explora países que mantiveram relações mais distantes com a França, principalmente durante a carreira de Greimas: Rússia-URSS, incluindo a Lituânia soviética e a China. A conclusão envolve uma discussão metodológica e a avaliação da extensão do impacto de fatores como estruturas institucionais e contatos pessoais, contexto e história socioculturais, e o *status* pedagógico ou sociolinguístico do francês na recepção de Greimas no exterior.

O próprio Greimas encarna o nexo de trânsito, tradução e transformação que esta investigação apresenta. Nascido em uma família lituana, Algirdas Julien Greimas cresceu na Lituânia, obteve diplomas universitários em filologia românica e dialetologia na França e, como refugiado da Lituânia soviética, seguiu sua carreira acadêmica, primeiro, no Egito e na Turquia, depois, na França (Broden, 2017a). Ele publicou sobre lexicologia histórica, semântica linguística, semiótica e mitologia comparada. Também produziu dicionários de francês antigo e francês médio, além de numerosos artigos jornalísticos lituanos sobre literatura e cultura destinados a um grande número de leitores. Ao todo, suas publicações

---

<sup>5</sup> Agradeço aos vários pesquisadores generosos que contribuíram para este esforço, especialmente Pierluigi Basso Fossali, Waldir Bevidas, Anouar Ben Msila, Giovanni Bove, Marija Čepaitytė, Imelda Chlodna, Yong Ho Choi, Maria Giulia Dondero, Paolo Fabbri, Roberto Flores, Algirdas Julien Greimas, Ahmed Idrissi Alami, Piotr Jaroszynski, Ji Haihong, Kazumi Hatasa, Wei Hong, Dan Hsieh, Sündüz Kasar, Ahmed Kharbouch, Sarah Kong, G. H. Korsikov, Jūratė Levina, Ivã Carlos Lopes, Inna Merkoulouva, Kęstutis Nastopka, Winfried Nöth, Ana Claudia de Oliveira, Mehmet Rifat, Hamid Reza Shairi, Michael Smith, Lang Wang, Hongjian Wang Route, Mariko Wei, Zhiting Zhang, Alisa Zhila, Alessandro Zinna e Saulius Žukas.

compreendem onze livros de autoria única e cinco em coautoria, dois volumes de edição única e seis coeditados, mais de cem artigos acadêmicos e capítulos de livros e cerca de duzentas contribuições para periódicos lituanos e obras coletivas (Broden, 2017c).

Uma pesquisa recente examinou as diversas instâncias que a obra de Greimas aborda, incluindo movimentos culturais lituanos, historiografia germânica, modernismo russo, cartesianismo e simbolismo francês, filologia prussiana e uma série de autores, de Hegel, Husserl, Marx e Nietzsche a Edgar Allan Poe, Propp, Unamuno e Yeats (Broden, 2015). Tomados em conjunto, tais estudos de fontes e a presente investigação mais focada na recepção revelam Greimas como um intermediário e conector, como uma figura que extraiu valores, questões e métodos de vários indivíduos, obras e correntes, e os integrou em projetos em desenvolvimento que, por sua vez, fecundaram outros pesquisadores ao redor do planeta.

## 2. Línguas românicas

Depois de lecionar por dezesseis anos em Alexandria, Ancara, Istambul e Poitiers, em 1965, Greimas se juntou a Barthes, Bourdieu, Braudel, Lévi-Strauss e uma série de outros eruditos do corpo docente da *École Pratique des Hautes Études VI<sup>e</sup> Section/École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EPHE/EHESS<sup>6</sup>), em Paris. Por mais de um século, desde Napoleão, o ensino superior francês serviu de modelo para outras terras, superado apenas por sua contraparte prussiana e, mais tarde, pelo sistema dos EUA (Clark, 2008; Wagner, 2004, p. 18-19; Werner, 2004, p. 205). No outono de 1965, os estudantes internacionais representavam 7% das matrículas nas universidades francesas, uma parcela que havia dobrado na época da aposentadoria de Greimas, em 1985 (Prost; Cytermann, 2010, Tabela 5). Instituições de elite, como a Sorbonne e a EPHE/EHESS, nos anos 1960-1970, funcionavam como ímãs especialmente poderosos.

O seminário de Greimas sobre semântica geral se tornou o veículo principal para a elaboração e divulgação de sua semiótica nas duas décadas seguintes. Sucedido na cidade global e intelectual por excelência, polido pela rica herança cultural da França e conduzido na língua de prestígio de longa data, que é o francês (Casanova, 2004, p. 9-44), seu encontro semanal, sua continuação em um café próximo e seus inúmeros *workshops* paralelos atraíram mais de cem pesquisadores de todo o mundo todos os anos. Entre 1977 e 1985, os

---

<sup>6</sup> A VI Seção da EPHE foi reorganizada como EHESS em 1975.

estudantes internacionais representavam quase três quartos dos novos orientandos que ele matriculou na EHESS<sup>7</sup>.

O caráter transnacional do seminário de Greimas e a comunicação dialógica e recíproca que caracterizou seus espaços complementares permaneceram em tensão com os ímpetos centrípetos, unilaterais e galicêntricos em seu grupo. A grande maioria de seu círculo íntimo falava francês como língua nativa e recebeu sua formação em um sistema educacional francês. A associação sem fins lucrativos fundada para apoiar as publicações de seu grupo de pesquisa definiu sua missão em termos que podem lembrar o difusionismo clássico: “fazer avançar o desenvolvimento e a difusão dos estudos semióticos franceses no mundo”<sup>8</sup>.

Muitas sociedades latinas, por muito tempo, mantiveram laços estreitos, frequentemente se inspiraram em pensadores de língua francesa e consideraram Paris o principal centro de arte e ideias. No período de 1965 a 1985, o PIB *per capita* da França atingiu de três a quinze vezes o das nações latino-americanas e ultrapassou o da Itália em cerca de 50 por cento (Banco Mundial). A semelhança das línguas românicas promoveu interação e tradução mútuas, embora cada idioma apresente idiosincrasias e termos especializados que possam representar desafios.

## 2.1 Itália

Nas décadas de 1950-1960, os intelectuais italianos das ciências humanas que se esforçaram para superar ou renovar os historicismos e a estética crociana se inspiraram em correntes alternativas nativas em estilística, na crítica das variantes e na história das línguas, e olharam para os debates emergentes sobre os novos meios de comunicação de massa e experimentalismo nas artes. Eles também se basearam no estruturalismo francês, nos semioticistas americanos Peirce e Morris, e na teoria da informação. A partir de 1966, pesquisas e pronunciamentos populares de Barthes (em tradução) e Umberto Eco sobre estética, literatura moderna e comunicação visual catapultaram a

<sup>7</sup> Arquivos da EHESS, dossiê intitulado “Étudiants A. J. Greimas Directeur d'études”, contendo fichas de alunos da pós-graduação (sem outros documentos), dos respectivos períodos 1977-1981 e 1982-1985. A coleção Greimas nos arquivos da EHESS não contém registros semelhantes para os anos anteriores, nem para o ano acadêmico de 1981-1982. O SUDOC, as edições do *Annuaire EPHE*, VIe Section até o início dos anos 1970 e a revista *Actes sémiotiques. Bulletin* (Paris, EHESS – CNRS) também informa sobre as teses defendidas por seus alunos. Este artigo oferece números e comparações como sugestivos, embora reconheça que as informações permanecem incompletas. Ademais, como muitos seminários de doutorado franceses da época, o de Greimas funcionava de facto como aberto ao público, muitos pesquisadores compareciam sem se inscrever na EHESS, incluindo vários estudantes internacionais que receberiam o diploma em uma instituição de seu país de origem, como o autor deste artigo.

<sup>8</sup> “Cette association a pour but de favoriser le développement et la diffusion des études sémiotiques françaises à travers le monde”, estatutos da Association pour le développement de la sémiotique, article 2. Salvo indicação contrária, as traduções são da responsabilidade do autor.



semiótica para a proeminência no país (Barthes, 1966 [1964]; Eco, 1962, 1967, 1968; ver Bettetini; Casetti, 1986, p. 294-299).

Nos anos 1960, quase três quartos dos alunos italianos do ensino médio estavam aprendendo francês, embora o inglês tenha se tornado a principal língua estrangeira do país no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, como aconteceu na maioria dos países latinos (Balous, 1970, p. 142; Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 90-91, 95). Até 1985, o laurea permaneceu como o título universitário mais alto de humanidades na Itália, sendo ele quase equivalente ao de mestrado, o que inspirou vários intelectuais a buscarem um doutorado em Paris. Após a Segunda Guerra Mundial, eles estudaram com filósofos existencialistas, depois com Lévi-Strauss, e, posteriormente, com Barthes, Deleuze, Derrida, Foucault, Greimas e Thom, entre outros.

Paolo Fabbri começou a participar do seminário de Greimas em 1967. Aproveitou o interesse de seus compatriotas pela semiótica para dar palestras sobre as ideias de Greimas nas universidades onde sucessivamente lecionou. Em Urbino, Bolonha, Palermo, Milão e Veneza (IUAV), ele recrutou jovens teoricamente inclinados a estudar com o grupo greimasiano em Paris<sup>9</sup>. Por sua vez, Greimas cruzou os Alpes para palestras, seminários e outros eventos acadêmicos uma dúzia de vezes, duas vezes durante mais de um mês, em Cagliari, Florença, Milão, Pádua, Palermo, Pisa, Roma e Urbino<sup>10</sup>. Entre 1970 e 1971, como Diretor Acadêmico fundador do Centro Internazionale di Semiotica e di Linguistica, em Urbino, ele projetou e organizou o programa de verão e a série de ensaios que serviram por décadas como fóruns vibrantes de experimentação e discussão em semiótica e novas abordagens semelhantes<sup>11</sup>. Nesses locais, como em outros lugares, suas apresentações e intercâmbios quase sempre ocorreram em francês – quando ele não estava interagindo com outros italianos em sua língua nativa. Ao longo das décadas, Fabbri e vários de seus compatriotas garantiram às ideias greimasianas uma presença em cursos, conferências e publicações na Itália.

O trabalho de Greimas foi extensa e prontamente traduzido para o italiano, normalmente em locais importantes. Onze livros em (co)autoria ou (co)editados por ele foram publicados, bem como uma dúzia de artigos ou capítulos de livros (ver Broden, 2017c<sup>12</sup>). Composta, na maioria das vezes, por pesquisadores que

---

<sup>9</sup> Paolo Fabbri, e-mail para o autor, 12 ago. 2013; Francesco Marsciani (14-17 fev. 2014) e Alessandro Zinna (27 jan. 2014) entrevistado por Skype pelo autor.

<sup>10</sup> Annuaire - École pratique des hautes études. Section des sciences économiques et sociales (depuis Annuaire EPHE, VIe Section) (1968-1969, p. 245, 1970-1971, p. 234, 1971-1972, p. 298); Alexandrescu (1969, p. 189-190); Greimas (1976, p. 45n1, 61n1, 189n1); comunicação pessoal de Antonino Buttitta (3 Abr. e 26 jun. 2014), Gianfranco Marrone (21 fev. 2014), Isabella Pezzini (13 jun. 2013), Gloria Withalm (6 mar. 2014) e Alessandro Zinna (21 jan. 2014).

<sup>11</sup> Arquivos da EHESS, Fonds Clemens Heller, Dossîê "A-Z Linguistique", Pasta "Linguistique – Greimas".

<sup>12</sup> A bibliografia em Broden (2017c) inclui todas as monografias de Greimas, especifica a língua e a data de quaisquer traduções e fornece a citação completa de todos os livros traduzidos de Greimas.



seguiram seu seminário em Paris e/ou estudaram com Fabbri, essas versões italianas normalmente surgiram apenas cerca de três anos após o original em francês.

Muitos dos italianos que adotaram a abordagem greimasiana estudaram filosofia e seguiram interesses em estética, mídia de performance ou ciências da linguagem, como Umberto Eco. No entanto, enquanto Eco, em geral, desenvolveu sua semiótica dentro de normas tradicionais filológicas e acadêmicas, eles valorizaram a tendência mais abstrata de Greimas e seus esforços para construir uma teoria e uma terminologia coerentes e autônomas<sup>13</sup>. Enquanto, para Eco, Greimas sempre foi o autor de *Sémantique structurale*, seu primeiro livro pioneiro sobre semântica linguística (Greimas, 1966; Eco, 1986, p. 189-201), esses italianos exploraram a amplitude da semiótica greimasiana e destacaram sua formulação gerativa, em contraste com a perspectiva interpretativa adotada por Peirce e Eco (Marsciani; Zinna, 1991, p. 13). Vários italianos estudaram em Bolonha com Eco e seus assistentes, depois com Greimas ou seus alunos na França, antes de aceitar cargos acadêmicos na Itália ou em instituições europeias francófonas.

Os italianos contribuíram significativamente para a pesquisa greimasiana sobre paixões, marketing, imagens visuais, design e práticas. Notavelmente, eles exploraram a interface entre semiótica, sociologia e antropologia, e desenvolveram novas abordagens para a estética, a enunciação na mídia visual, as tecnologias digitais e a cultura popular, incluindo a gastronomia (Basso Fossali; Dondero, 2006; Corrain; Valenti, 1991; Fabbri, 2020; Marrone, 2001; Marsciani; Zinna, 1991; Pezzini, 1991; Zinna, 2004; ver a bibliografia em Marrone, 2011, p. 179-187)<sup>14</sup>.

## 2.2 América Latina

O Novo Mundo também ofereceu um terreno fértil para as ideias francesas, uma transmissão curiosa que desafia tanto o Oceano Atlântico quanto o domínio que outras potências coloniais tiveram nas Américas. Depois de 1789, a França desfrutou de grande prestígio em toda a região, cujos movimentos de independência se basearam na história política, na filosofia e nos símbolos gálicos (Balous, 1970, p. 158). Em meados do século XIX, as elites francófilas ao sul do Rio Grande cunharam o termo “América Latina” para uma área onde se esforçaram para trazer a esfera francesa, normalmente à custa de seus antigos senhores ibéricos, seus próprios povos indígenas e os EUA (Gilson; Levinson, 2012, p. vii-ix; Martinière, 1982, p. 25-33). Intelectuais, artistas e músicos viajaram para Paris para encontrar novas ideias, completar sua formação e

<sup>13</sup> Entrevistas de Marsciani e Zinna.

<sup>14</sup> Agradeço a Maria Giulia Dondero pela colaboração sobre as contribuições dos italianos para a semiótica e por ler o esboço desta discussão.

alcançar o sucesso reconhecido em todo o mundo (Berg; Behar, 2007; Carelli, 1993)<sup>15</sup>. Nas palavras do intelectual argentino-mexicano Raúl Dorra, “Aprender francês e conhecer Paris era um dos ideais do latino-americano culto. Paris era vista como a capital das artes e, em geral, das humanidades”<sup>16</sup>.

Os linguistas se apropriaram das ideias centrais de Saussure na América hispânica na década de 1940 e, no Brasil, na década de 1960 (De Lemos et al., 2003). Seguindo a influência anterior do positivismo e do existencialismo, o estruturalismo se tornou uma corrente-chave na América Latina a partir dos anos 1960, motivada por repatriados dos estudos no exterior, na França, e por traduções em espanhol e português amplamente distribuídas em todo o Novo Mundo (De Lemos et al., 2003; Garza Cuarón, 1988, p. 276-277; Gilson; Levinson, 2012; Rector, 1986, p. 47-49; Santaella Braga, 1990, p. 128-137)<sup>17</sup>. O estruturalismo era justificadamente visto como uma importação parisiense, embora suas figuras proeminentes incluíssem estrangeiros como Greimas, que divulgou muitas ideias geradas fora da França. Jovens acadêmicos latino-americanos buscaram, nos estruturalistas, estratégias para renovar paradigmas herdados do século anterior – cujos adeptos consagrados inicialmente resistiram vigorosamente às novas perspectivas (Ballón Aguirre, 1986, p. 387-388; Rector, 1986, p. 48).

Quinto maior e mais populoso país do mundo, compreendendo metade da população, da extensão territorial e do PIB da América do Sul, o Brasil oferece um caso único (Banco Mundial). Como parte dos esforços que se iniciaram na década de 1930 para abraçar mais plena e rapidamente o modelo ocidental de modernismo e desenvolvimento (Schwartzman, 1991, p. 19), o governo fundou instituições de ensino superior, como a Universidade de São Paulo (USP), que rapidamente se tornou a principal universidade do continente. A USP recrutou europeus para formar o núcleo de seu corpo docente, incluindo jovens acadêmicos franceses promissores como Roger Bastide, Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss (Filhoi, 2009; Vassal, 2017)<sup>18</sup>. O Brasil se tornou uma das poucas nações do hemisfério sul a manter grupos e instituições científicas de alto nível e a participar extensivamente das tradições culturais ocidentais (Schwartzman, 1991, p. 6-7). Os finais dos anos 1960 e 1970, em particular, foram caracterizados por “uma crença renovada no valor redentor da ciência e tecnologia modernas” (Schwartzman, 1991, p. 11).

---

<sup>15</sup> Ariel De La Fuente, e-mail para o autor, 5 nov. 2018.

<sup>16</sup> “Aprender francés y conocer París fue uno de los ideales del hombre culto latinoamericano. París era vista como la capital de las artes y en general de las humanidades”, Raúl Dorra, e-mail para o autor, 7 nov. 2018; ver também Casanova (2004, p. 84-85, 91-97). Para os brasileiros, “Paris fut le modèle incontesté du progrès ainsi que la référence” (Carelli, 1993, p. 149, v. 168).

<sup>17</sup> E-mails de De La Fuente e Dorra, e 5 nov. 2018 e-mail de Roberto Flores.

<sup>18</sup> Waldir Bevidas, e-mail para o autor, 11 nov. 2018.

No último século, no Brasil e em toda a América Latina, os Estados Unidos e suas orientações mais empíricas, tecnológicas e práticas rivalizaram cada vez mais, substituindo a França como modelo dominante e fonte de inspiração, uma mudança que se acelerou no período pós-guerra e, sobretudo, na década de 1980 (Martinière, 1982, p. 15, 33-34, 183)<sup>19</sup>. Após a Segunda Guerra Mundial, o francês caiu para o segundo lugar entre as línguas estrangeiras ensinadas na América Latina, normalmente, muito atrás do inglês e, desde então, continuou a declinar (Balous, 1970, p. 158; Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 95; Organisation Internationale de la Francophonie, 2019, p. 120-129). No entanto, a competência em francês continua disseminada entre a elite e as classes privilegiadas (Organisation Internationale de la Francophonie, 2019, p. 120-121), e Lucia Santaella Braga enfatiza que as ciências humanas nas décadas de 1960-1970 continuaram a ilustrar “a atração que as modas intelectuais francesas sempre exerceram sobre a comunidade universitária brasileira” (1990, p. 128).

Pesquisadores da Argentina, do Brasil, do Chile, do México, do Peru e da Venezuela desempenharam um papel significativo na transmissão e no desenvolvimento das ideias de Greimas. Mais de um quarto dos novos doutorandos que ele matriculou na EHESS entre 1977 e 1985 vieram da América Latina, apenas uma parcela pouco menor do que os da própria França<sup>20</sup> – enquanto a região fornecia uma parcela insignificante dos alunos internacionais que frequentavam todas as instituições francesas de ensino superior (Balous, 1970, p. 103; Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 115). Como sua orientanda argentina Lucrecia Escudero Chauvel lembra mais tarde que, para os latino-americanos, “o seminário de Greimas era um centro de aprendizagem e um rito de passagem obrigatório para aqueles que queriam estudar semiótica”<sup>21</sup> (Escudero, 2006 [1998], p. 17). Muitos desses peregrinos intelectuais apareceram em Paris já preparados com uma formação em linguística, antropologia e filosofia que suas abordagens explicitam. Semioticistas latino-americanos argumentam que a abertura de sua região à novidade, seu uso preponderante de práticas culturais não-verbais e sua dependência da comunicação da mídia de massa a deixa peculiarmente “em sintonia com a semiótica” (Santaella Braga, 1990, p. 123-127; ver também Escudero, 2006 [1998], p. 181).

Greimas e seu seminário funcionaram como importantes pontos de conexão a partir dos quais os latino-americanos desenvolveram seus próprios projetos e estruturas institucionais com eles relacionados, conforme ilustrado

<sup>19</sup> E-mails de Waldir Beividas, Ariel De La Fuente, Raúl Dorra e Roberto Flores.

<sup>20</sup> Arquivos da EHESS, Dossiê de fichas de estudantes de A. J. Greimas, 1977-1985.

<sup>21</sup> “el seminario de Greimas fue un foco de formación y de pasaje obligado de aquellos que querían formarse en semiótica” (Escudero, 2006 [1998], p. 17).

pela fundação das duas associações semióticas mencionadas no início deste ensaio. Os latino-americanos convidaram Greimas para suas universidades e criaram grupos de pesquisa, periódicos e currículos focados em seus métodos. Eles também traduziram seus livros e artigos e publicaram apresentações, aplicações, discussões e elaborações de sua semântica e semiótica (Ballón Aguirre, 1986, 1990; Barros, 2012; Garza Cuarón, 1988, p. 277-282; Lemos et al., 2012; Rector, 1986, p. 55-56; Santaella Braga, 1990). Em julho de 1973, Greimas ministrou uma série de palestras e seminários ao longo de um mês no estado de São Paulo, a convite de Edward Lopes, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, onde Lopes e Eduardo Peñuela Cañizal fundaram o Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas e a revista *Significação - Revista Brasileira de Semiótica*. Também ministrou palestras na USP e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, depois voltou em outubro de 1975 para palestras e seminários de pesquisa na USP, a convite da Sociedade Brasileira para Professores de Linguística e de seu presidente Cidmar Teodoro Pais, com uma viagem paralela para ler um artigo na Universidade Federal do Paraná em Curitiba (Rector, 1986, p. 55-56)<sup>22</sup>. Em comparação, durante toda a sua carreira, Greimas leu apenas dois artigos na muito mais próxima península ibérica, em Lisboa e em Bilbao (Greimas; Kašuba 2008, p. 217, 221)<sup>23</sup>.

Assim como as traduções em italiano, onze livros em (co)autoria ou (co)editados por Greimas saíram em português e espanhol, e apenas um pouco menos prontamente, geralmente, cerca de quatro anos após as versões francesas para os textos em espanhol e, cinco, em português. Diferentemente de suas contrapartes italianas, muitos dos tradutores não estudaram ou trabalharam com o autor ou seus colaboradores. Colegas da Europa e da América Latina são os autores das traduções em espanhol, quase sempre publicadas na Espanha, geralmente em Madri, e depois distribuídas por todo o mundo hispânico. Os brasileiros faziam todas as traduções para o português e as traziam para o Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, muitas vezes patrocinadas pela USP. Eles também estabeleceram estruturas institucionais eficazes, incluindo treze grupos de pesquisa e estudo e vários cursos e periódicos (Lemos et al., 2012).

Os latino-americanos interessados no trabalho de Greimas compreendiam muitos linguistas, mas também especialistas em literatura e estudos de comunicação. Eles viram nos métodos de Greimas e, mais amplamente, no estruturalismo, recursos úteis para seus esforços, cujo objetivo principal era o de renovar as metodologias existentes, para criticar a ideologia, para investigar novas mídias e para explorar a literatura experimental e as narrativas orais e

<sup>22</sup> *Annuaire EPHE*, VI<sup>e</sup> Section (1972-1973, p. 330; 1973-1974, p. 336); Ivã Lopes, comunicação pessoal, 13 jan. 2012.

<sup>23</sup> *Correspondances sémiotiques* (Paris), 6 (1986, p. 2), e Greimas, carta para Bronys Savukynas, 16 jul. 1986, coleção particular.

tradições nativas (Barros, 2012; Lemos et al., 2012; Santaella Braga, 1990). A fim de estudar suas sociedades multiculturais, políglotas e multirraciais, e abordar o impacto de eventos políticos dramáticos que abalaram sua região, os semioticistas latino-americanos criaram uma estrutura epistemológica unificada, que combina fatores internos e externos ao texto, analisa as dinâmicas sociais da comunicação (a exemplo de produção, circulação, consumo de textos) e, muitas vezes, se concentra na etnossemiótica e na sociossemiótica (Barros, 2012, p. 133, 155; Lemos et al., 2012, p. 65-66). Um grupo peruano adaptou a abordagem de Greimas ao correlacionar literatura e oralidade, ao descrever uma identidade nacional que incorpora tradições nativas e ao desenvolver uma semiótica não verbal eficaz em áreas de alto analfabetismo (Ballón Aguirre, 1986, p. 388-402; Barros, 2012, p. 133-134; Greimas, 1977, p. 9).

Ao longo das décadas, os semioticistas latino-americanos continuaram a explorar novas problemáticas e a fortalecer os diálogos multidisciplinares com a linguística, a retórica, a teoria literária e crítica e a comunicação e marketing (Barros, 2012, p. 145-154). Vários colegas se concentraram no desenvolvimento da própria semiótica de Greimas, enquanto outros integraram seus trabalhos a abordagens mais amplas, que sintetizam a linguística, a análise do discurso, a pragmática, a teoria social e/ou a psicanálise. Em espanhol, os pontos de partida úteis incluem Blanco (2003), Espar (2001, 2006), Flores Ortíz (2015), Mozejko de Costa (1991), Quezada (1999, 2007, 2018) e Ruiz Moreno e Solís Zepeda (2008); e em português, Assis Silva (1995), Barros (1988), Bevidas (2009), Fiorin (2008), Oliveira e Teixeira (2009), Portela (2018), Tatit (2010) e Tatit e Lopes (2008)<sup>24</sup>.

### 2.3 Perspectivas finais sobre as culturas românicas

Intelectuais de línguas românicas se engajaram ativamente com Greimas e seu trabalho, e estabeleceram instituições locais eficazes para promover as colaborações e avançar em seus projetos correlacionados<sup>25</sup>. Em lugares como Bolonha, Lima, Palermo, Puebla e São Paulo, aulas, simpósios e publicações transmitiram e desenvolveram as ideias greimasianas. Nas ciências românicas da linguagem, apesar do que André Martinet denominou de “maremoto de Chomsky” (1993, p. 330), a *Sémantique structurale*, de Greimas (1966), inspirou investigações linguísticas do discurso dentro e fora da frase, incluindo a estilística e a pragmática (ver Rastier, 1987 e sua bibliografia; Eco, 1986, p. 189-201). Nas culturas românicas do Velho e do Novo Mundos, a pesquisa greimasiana explorou novas mídias, literatura experimental, cultura popular e a relação entre semiótica

<sup>24</sup> Para mais títulos, ver as bibliografias em Lemos *et al.* (2012), Santaella Braga (1990) e Barros (2012), e as bibliografias nacionais incluídas nos últimos trabalhos de Ballón, Finol e Djukich de Nery, Ravera e Villar Muñoz, que estão disponíveis online em: [www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com).

<sup>25</sup> Ver as “Chroniques” anuais, seções da *Signata* para a Argentina, Brasil, França, Itália, México e Québec, <https://journals.openedition.org/signata/2526>. Acesso em: 28 jan. 2020.

e campos próximos. Acadêmicos latino-americanos produziram estudos inovadores em sociosemiótica e musicologia, enquanto os semioticistas italianos forneceram trabalhos influentes sobre imagens visuais e enunciação. Hoje, as terras latinas permanecem estufas dinâmicas para novos rumos da semiótica inspiradas nos princípios greimasianos, que muitos dos grupos de pesquisa reunidos na recém-criada *Fédération Romane de Sémiotique* indicam (*Colloque Nudges*, 2019).

Ao mesmo tempo, certas regiões românicas ofereceram a Greimas uma recepção mais limitada. Países latino-americanos como a Colômbia privilegiaram as conexões com os EUA a ponto de cultivar menos vínculos com a França? Na Espanha, a memória da Guerra Peninsular Napoleônica entrou em acordo com o relativo isolamento da nação do resto do continente até recentemente para limitar seu interesse nos métodos greimasianos? Durante a vida de Greimas, na Valônia, os estudiosos concentraram mais atenção em seu próprio *Groupe Mu*, com o qual, infelizmente, Greimas teve poucas interações, apesar dos inúmeros interesses que compartilhavam. Ainda assim, o grupo belga, em sua abordagem mais eclética, incorporou elementos significativos da semântica estrutural e semiótica greimasianas (*Groupe Mu*, 1977, p. 30-73; Klinkenberg, 2000 [1996], p. 167-185). Na época de Greimas, o romeno ocupava uma posição à parte como o único idioma românico falado em um país signatário do Pacto de Varsóvia<sup>26</sup>. No entanto, durante breves janelas de aberturas soviéticas para o Ocidente, no início dos anos 1970, colegas conseguiram levá-lo duas vezes para dar aulas na Universidade de Bucareste<sup>27</sup>. Uma dúzia de estudantes da Romênia participou de seu seminário em 1972 e 1973<sup>28</sup>, dos quais vários passaram a defender dissertações sob sua orientação, sendo, três dessas monografias, publicadas em tradução para o romeno<sup>29</sup>.

O projeto de Greimas gozou de uma modesta ressonância em áreas do antigo domínio colonial-imperial da França. A África francófona forneceu quase 10% de seus novos orientandos de doutorado na EHESS, entre 1977 e 1985<sup>30</sup>, com os intercâmbios mais produtivos se desenvolvendo no Marrocos, para onde ele viajou para realizar atividades de pesquisa em 1975 e 1980<sup>31</sup>. Neste século,

---

<sup>26</sup> Graças às afinidades latinas, o francês manteve uma presença mais intensa nas escolas romenas do que em qualquer outro lugar na Europa Oriental e Central (*Organisation Internationale de la Francophonie*, 2019, p. 239-249).

<sup>27</sup> Emmanuel Crivat e Mariella Crivat, entrevistados pelo autor, 30 mai. 2010.

<sup>28</sup> "Distribution des chercheurs," s.d. [14 nov. 1972], o entorno de Greimas, carta para Jacques Le Goff, 14 nov. 1972, Arquivos da EHESS, Fonds du Président de l'EHESS Jacques Le Goff (1972-1977), Cot CAC 19920571/3, pasta *Groupe de Recherche Sémio-linguistique* (Cote EHESS 66 AJ 1187), *Archives nationales de France-Fontainebleau*.

<sup>29</sup> Duas obras em francês, traduzidas do lituano, também figuram entre as traduções românicas de Greimas: seu primeiro livro sobre mitologia e uma antologia de seu jornalismo - a única fonte importante para o último, além daqueles escritos em sua língua materna (1985 [1979a], 2017a [1991b]).

<sup>30</sup> Arquivos da EHESS, Dossiê de fichas de estudantes de A. J. Greimas, 1977-1985.

<sup>31</sup> *Annuaire EPHE*, VI<sup>e</sup> *Section* (1974-1975, p. 352); Anna Greimas, carta para Živilė Šlekytė-Stanton, 15 mai. 1975, coleção particular. Greimas atuou como o principal professor de pelo menos sete candidatos

estudiosos marroquinos publicaram dois livros de Greimas traduzidos para o árabe e marcaram o centenário de seu nascimento com uma edição de revista especial (em árabe) e uma conferência internacional (em francês) (Bengrad, 2017; Ben Msila, 2019, Ben Msila (org.), 2019; Kharbouch, 2019)<sup>32</sup>. Auxiliada por colaborações com grupos de pesquisa na França, a semiótica greimasiana também evidencia uma presença em universidades na Argélia, em Camarões e na Costa do Marfim<sup>33</sup>. No Novo Mundo, a história do Canadá francófono e sua proximidade com os EUA moldaram a região como um meio híbrido único, receptivo às tendências francófonas e anglófonas. Os pesquisadores quebequenses, em particular, se envolveram com Greimas e seus métodos (por exemplo, Hébert, 2001, 2020). Embora nenhuma dessas antigas zonas coloniais tenha criado redes de pesquisa ou estruturas instrucionais tão extensas quanto na Itália e na América Latina, sua participação na elaboração da semiótica greimasiana e, mais amplamente, românica, atesta a topografia transnacional da cultura francófona, da língua francesa e da ciência gálica.

### 3. Línguas germânicas

#### 3.1 América do Norte anglófona

Entre as línguas germânicas, o inglês figurou como o mais falado, de longe, durante a época de Greimas, e assim permanece até hoje (Crystal, 2003, p. 86-90, 111-113; Haut Conseil de la Francophonie, 1989, p. 31-32). Por mais de dois séculos, exploradores, missionários, comerciantes e colonos franceses ocuparam grande parte da metade oriental do que hoje são o Canadá e os Estados Unidos. No entanto, ao contrário do que se seguiu na América Latina, na maior parte da região, as relações com a França recuaram por algum tempo a partir do século XIX; no campo científico, os pesquisadores dos EUA olharam mais para a Alemanha em busca de inspiração e colaboração. O intercâmbio cultural franco-americano experimentou um renascimento após a Segunda Guerra Mundial: estudantes universitários americanos começaram a estudar francês mais do que qualquer outra língua estrangeira<sup>34</sup> e o estudo no exterior

---

de doutorado do Marrocos, país que forneceu quase metade dos estudantes da África que se matricularam em Paris – e, de longe, o maior número de estudantes internacionais em universidades francesas, em geral, no período (Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 115, 118, 124-127).

<sup>32</sup> Pelas informações sobre a semiótica no Marrocos e sobre Greimas, em árabe, eu agradeço a Anouar Ben Msila, Ahmed Idrissi-Alami e Ahmed Kharbouch, por suas comunicações pessoais.

<sup>33</sup> Ver Diarrassouba (2015), Laboratoire “Sémiotique et Pratiques Discursives” (2018), Mechtoub (2018) e as “Chroniques” da *Signata* sobre Camarões e Costa do Marfim. Argélia, Camarões e Costa do Marfim também estavam entre os países que enviaram a maioria dos estudantes para universidades francesas durante os anos em que Greimas ministrou seu seminário na EHESS e esses países têm mantido um lugar mais forte para o francês em escolas e/ou na sociedade do que muitas outras nações no continente (Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 115, cf. 129-131; Organisation Internationale de la Francophonie, 2019, p. 32-33, 90-91, 141-143, 162-163).

<sup>34</sup> Na Grã-Bretanha e na Irlanda também, alunos aprenderam francês mais do que qualquer outra língua estrangeira (Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 90).



aumentou em ambas as direções. Já na década de 1960, mais jovens dos EUA se matricularam em instituições francesas de ensino superior do que de qualquer outro país (Balous, 1970, p. 103, 165-166; Walton, 2010, p. 109-120).

Por outro lado, as sensibilidades anglo-americanas na investigação intelectual e na análise textual contrastam, de muitas maneiras, com as práticas gálicas e, mais amplamente, com as continentais. Nas ciências humanas, os estudiosos da língua inglesa tendem a favorecer metodologias mais empíricas, abrigando um ceticismo maior em relação a teorias ambiciosas. Em particular, eles cultivaram tradições rivais em linguística (Bloomfield, 1933; Chomsky, 1957, 1965), filosofia (Austin, 1962; Russell, 1940) e semiótica (Peirce, 1992-1998), mas também em psicologia e ciência política, e não atribuíram a mesma importância para análises detalhadas de textos como nas culturas românicas.

A Indiana University Press iniciou um projeto para traduzir *Sémantique structurale* imediatamente, em 1966, mas encontrou resistência de colegas que previram que os linguistas de língua inglesa achariam seu método saussuriano, suas perspectivas filosóficas, sua narratologia e sua multidisciplinaridade incompreensíveis e intransponíveis (Brodén, no prelo). Por outro lado, ao mesmo tempo, a onda estruturalista começou a se desdobrar na América do Norte anglófona, desencadeando um debate animado e inspirando um bom número de intelectuais a experimentar as novas perspectivas, que divergiam fortemente de suas práticas autóctones dominantes (Cusset, 2008). As próprias características que os linguistas de língua inglesa julgaram problemáticas se tornaram as marcas do estruturalismo.

Do mesmo modo que na França, no apogeu do (pós)estruturalismo, Greimas figurou como um dos poucos, senão o único linguista estrutural criativo que discutiu questões epistemológicas fundamentais e propôs um ambicioso projeto transdisciplinar. Foi nesse contexto que os colegas o trouxeram para dar palestras e seminários em uma dúzia de ocasiões, entre 1965 e 1991, incluindo cinco estadias de um mês a um trimestre nas décadas de 1960-1970. Ele passou um tempo, principalmente, em Berkeley, Toronto, Nova York e Ottawa, mas também em outros lugares no Canadá, na Califórnia e no meio-oeste dos EUA<sup>35</sup>. Em contraste, ele parece ter cruzado o Canal da Mancha apenas uma vez para ler artigos, embora essa viagem incluísse a prestigiosa palestra Cassal, na

<sup>35</sup> “Prof. Algirdas J. Greimas” (1965); Greimas (1970p. 39n1); Blonsky (1985p. 522); Andriekus (1978); Anna Greimas, cartas para Vytautas Sirijos-Gira, 25 Mai. e 21 jun. 1965, Vilnius, Lietuvos mokslų akademijos Vrublevskių biblioteka, F349–210; Greimas, entrevistado por Louis-Jean Calvet ca. 1988, duas fitas cassetes e em Greimas e Kašuba (2008, p. 148, 186); Prancūzijos lietuvių žinios (Paris) 44 (fev. 1972), 9; Annuaire EPHE, VIe Section (1974–1975, p. 352); correspondência de Greimas com Ivar Ivask jun.–nov. 1977, Vilnius universiteto biblioteka, Rankraščių skyrius (VUB RS, Vilnius University Library, Manuscript Division) F245–135 (Coleção Greimas); U.R.L. 7 Analyse du discours. Activités et orientations scientifiques 1985–1987, brochura, s. p., s. d. [1986], p. 39; carta de Greimas para Rolandas Pavilionis, 19 jan. 1987, VUB RS F290-706 (Coleção Rolandas Pavilionis); comunicações pessoais de Manar Hammad (4 jun. 2013), Aleksandra Kašuba (31 out. 2013), Algis Mickunas (10 set. 2011), Paul Perron (22 nov. 2016, 18 nov. 2018) e Gilles Thérien (29 ago. 2012).

Universidade de Londres<sup>36</sup>. Apesar dessas numerosas estadias na América do Norte, apenas um pequeno grupo de falantes de inglês compareceu ao seminário de Greimas em Paris ao longo das décadas, tipicamente, especialistas em letras francesas, que combinavam a competência linguística necessária com um interesse em teoria cultural e narrativa. Essa escassez, apesar do grande número de estudantes americanos em universidades francesas, inverte exatamente o caso dos latino-americanos e sublinha o caráter excêntrico da semiótica greimasiana em relação às normas anglo-americanas. No entanto, vários estudiosos familiarizados com a abordagem de Greimas, que ensinaram em inglês na América do Norte por longos períodos, apresentaram seu trabalho, notadamente, Fredric Jameson, que havia seguido seu seminário em 1969-1970<sup>37</sup>.

Os artigos de Greimas sobre análise textual e teoria semiótica começaram a aparecer na tradução para o inglês americano no final dos anos 1960 e durante os anos 1970, especialmente, em antologias do estruturalismo e em vários dos muitos novos periódicos abertos a abordagens de ponta, incluindo *Diacritics*, *New Literary History* e *SubStance*<sup>38</sup>. Finalmente, na década de 1980, as traduções para o inglês das monografias de Greimas começaram a surgir, começando com o dicionário de semiótica<sup>39</sup> (Greimas; Courtés, 1982 [1979]). Ao contrário do que ocorria nas línguas românicas, a cronologia das edições em inglês acarretou, portanto, um atraso significativo em vários casos e atrapalhou o desenvolvimento orgânico de sua pesquisa. Desde 1993, virtualmente, todos os seus principais textos de semiótica, bem como seu primeiro livro sobre mitologia, estavam disponíveis em inglês. As traduções em inglês, que se tornou língua global, proporcionaram a suas ideias uma influência muito mais ampla, não apenas nas sociedades anglófonas, mas também na Escandinávia e na Ásia, e, cada vez mais, na América Latina, onde hoje muito mais alunos estão aprendendo inglês ao invés de francês (Crystal, 2003, p. 1-14, 86-90, 111-113; Haut Conseil de la Francophonie, 1989, p. 31-32).

Ao contrário de suas contrapartes românicas, os linguistas anglófonos deram pouca atenção ao trabalho de Greimas, uma negligência que eles deliberadamente oferecem aos métodos advindos do exterior. Mas outros, nas ciências humanas, engajaram suas discussões de problemáticas epistemológicas, empregaram seus modelos na análise de tensões e transformações sociais

<sup>36</sup> Madeleine Renouard (9 jul. 2014) e Bronwen Martin (13 jul. 2014), comunicações pessoais; Greimas, 19 jan. 1987, carta para Pavilionis e carta para Bronys Savukynas, 16 jul. 1986, coleção particular.

<sup>37</sup> Fredric Jameson, e-mail para o autor, 4 nov. 2013.

<sup>38</sup> Em 1973, um intelectual indiano, que estudou com Greimas em Paris, publicou mais de um terço de *Sémantique structurale*, em inglês, na revista que editou na Punjabi University (Greimas, 1973 [1966]; Harjeet Singh Gill, e-mail para o autor, 25 nov. 2013).

<sup>39</sup> Nota das tradutoras. Foi respeitada, na tradução, a escolha do autor de se referir ao *Dicionário de semiótica*, título da versão em português da obra *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, de Greimas e Courtés (1979), utilizando letras minúsculas, ou seja, no sentido *lato sensu*.

representadas em textos e esboçaram sua biografia intelectual (Broden, 2015; Jameson, 1988, p. 3-34, 75-101; Perron, 2003; Schleifer, 1987). Por outro lado, o mundo anglófono não criou estruturas institucionais duradouras, grupos de pesquisa ou periódicos focalizados em seus métodos, como acontecia nas terras românicas. As respostas anglófonas à pesquisa greimasiana caíram consideravelmente em conjunto com a migração das modas intelectuais para longe do (pós)estruturalismo.

### 3.2 Terras de língua alemã

A situação do alemão apresenta paralelos marcantes, bem como contrastes com a do inglês, neste contexto. Como na América do Norte, muitas elites nos estados germânicos falavam e escreviam em francês elegante nos séculos XVII e XVIII, e, muitas vezes, buscavam inspiração na França. No entanto, novamente, como suas contrapartes anglófonas, no século XIX, poucos falantes de alemão consideravam a França uma fonte importante de arte e ideias – apesar da atração deles por Paris – e o sistema universitário prussiano havia se tornado o modelo mais proeminente no mundo (Clark, 2008; Espagne, 1999; Huchon, 2002, p. 196-197, 216-217; Karady, 2004, p. 364; Nadeau; Barlow, 2006, p. 115-135). Posteriormente, em muitas arenas, os intelectuais franceses leram e responderam às inovações alemãs, mesmo que o contrário permanecesse raro e, a partir dos anos 1930, o inglês ultrapassou o francês como principal língua estrangeira na Alemanha (Carré, 1947, p. xii; Schöttler, 2004, p. 116; Balous, 1970, p. 141). Entre 1970 e 1985, o PIB per capita da França superou o da Alemanha Ocidental em cerca de 5% (Banco Mundial).

Poucos estudantes de países de língua alemã seguiram o seminário de Greimas ou defenderam teses sob sua orientação<sup>40</sup>. Ainda assim, com o florescimento do estruturalismo, os pesquisadores o levaram para curtas viagens de palestras a Colônia, Bonn, Constança, Zurique e Bochum, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970 (Greimas, 1990, 2017b, p. 28; *Annuaire EPHE, VI<sup>e</sup> Section, 1967-1968, p. 227, 1972-1973, p. 330*)<sup>41</sup>. Por sua vez, Greimas recrutou colegas germanófonos para apresentarem trabalhos em eventos que organizou durante o período<sup>42</sup>. Entre 1968 e 1979, traduções alemãs de nove de seus artigos forneceram uma amostra adequada das áreas que sua semântica e semiótica exploram: epistemologia, teoria narrativa, análise do discurso, poética e mitologia. No entanto, apenas um de seus livros foi traduzido, *Sémantique*

<sup>40</sup> Nenhum estudante falante da língua alemã se matriculou na EHESS para elaborar uma tese com Greimas durante o período 1977–1985, por exemplo, Arquivos da EHESS, Dossier de fiches d'étudiants A. J. Greimas 1977–1985.

<sup>41</sup> Wolf-Dieter Stempel, comunicação pessoal, 15 fev. 2012.

<sup>42</sup> Mais marcante, em 1971, Greimas e Wolf-Dieter Stempel co-organizaram um simpósio internacional em Constança que reuniu estudantes de Greimas da França e linguistas e teóricos de língua alemã (correspondência de Greimas-Stempel, setembro de 1969 a abril de 1971, incluindo o programa do simpósio em anexo, coleção particular).

structurale (1966), e projetos confiáveis para *Du sens* (1970) e *Du sens II* (1983a) nunca foram concretizados<sup>43</sup>. Os especialistas alemães da análise do discurso concentraram as energias na elaboração de sua Textlinguistik, e os filósofos também se concentraram em seu próprio conjunto de problemáticas, evidenciando muito menos interesse em perspectivas multidisciplinares do que os (pós)estruturalistas<sup>44</sup>. Colegas também explicaram a Greimas que a coexistência de termos linguísticos e filosóficos em sua metalinguagem tornou sua tradução problemática, notadamente, a do dicionário de semiótica: enquanto os linguistas alemães empregam vários termos adaptados do latim ou do inglês, os filósofos constroem sua terminologia, principalmente, a partir de raízes alemãs, de modo que o léxico resultante representaria uma mistura discordante<sup>45</sup>. Ensaio de estudiosos da língua alemã fornecem discussões substanciais sobre o trabalho de Greimas, inclusive em relação à exegese bíblica e às críticas discursivas e sociológicas da ideologia (Grosse, 1982-1983; Nöth, 2000; Stockinger, 1983; Zima, 1980, 1986).

### 3.3 Perspectivas finais sobre as culturas germânicas e românicas

Os intelectuais flamengos, holandeses, dinamarqueses – e finlandeses – também levaram Greimas para palestras, traduziram várias de suas monografias e publicaram trabalhos que aplicam, desenvolvem e criticam sua abordagem (Johansen, 1986, p. 121-132; Tarasti, 1986, p. 145-152; ver também Brandt, 2004; Parret, 1987; Tarasti, 1979). Pesquisadores de língua germânica operaram em contextos intelectuais domésticos muito mais distantes das perspectivas gálicas do que seus colegas românicos, e a resposta deles ao projeto de Greimas rasteou em grande parte o interesse no (pós)estruturalismo, aumentando e diminuindo de acordo com sua sorte. As interações anglófonas com Greimas e seu trabalho provaram ser significativamente mais extensas e duradouras do que aquelas em outros idiomas germânicos, mas essas trocas não renderam estruturas institucionais duradouras, grupos de pesquisa ou empreendimentos de publicação focalizados em seus métodos como nas terras românicas.

Nas culturas românicas e de língua germânica estudadas, o modernismo ousado, às vezes iconoclasta, de Greimas combinou com o ímpeto inovador e revolucionário dos anos 1960-1970, alimentado pelo afluxo maciço de estudantes, pela expansão dos sistemas universitários, contratação de muitos professores jovens e proliferação de novos periódicos acadêmicos e séries de monografias (Chevalier; Encrevé, 2006, p. 131, 134-135; Cusset, 2008, p. 54-86; Johansen, 1986, p. 120-121, 135-136; Santaella Braga, 1990, p. 133).

<sup>43</sup> Carta de Greimas a Wolf-Dieter Stempel, 2 set. 1970, coleção particular; Roland Posner, e-mail para o autor, 27 set. 2010; carta de Greimas a Bronys Savukynas, 16 jul. 1986, coleção particular.

<sup>44</sup> Eu agradeço a Winfried Nöth por suas observações sobre a recepção de Greimas na Alemanha.

<sup>45</sup> Carta de Greimas a Bronys Savukynas, 16 jul. 1986, coleção particular.

Intelectuais em todas as ciências humanas basearam-se em seus ensaios epistemológicos para pensar em questões teóricas fundamentais, aplicaram ou adaptaram seus modelos para analisar práticas e produtos culturais e exploraram seu projeto de uma teoria ambiciosa e autônoma que admite crescimento e mudança contínuos.

É impressionante como os pesquisadores do Novo Mundo se envolveram mais ativamente com Greimas e sua obra do que a maioria de seus colegas não francófonos do Velho Mundo. Ao longo de sua carreira, colegas anglófonos americanos o acolheram por quase onze meses, e os brasileiros por mais um mês e meio, enquanto ele aparentemente só deu palestras por cerca de uma semana na vizinha Inglaterra e um dia em Portugal, apesar da proximidade dos últimos países de Paris. Da mesma forma, entre 1977 e 1985, ele aceitou dezoito hispano-americanos como novos alunos de doutorado na EHESS, enquanto matriculou apenas um orientando do vizinho sudoeste da França, Espanha, o mesmo número da Austrália, da Islândia e do Zaire (Congo) no mesmo período<sup>46</sup>. A academia do Novo Mundo certamente reestruturou e atualizou seus programas muito mais prontamente do que grande parte do Velho Mundo (Escudero, 2006 [1998], p. 18). A Itália continua sendo a exceção notável, como um país europeu não francófono que ofereceu à semiótica greimasiana uma resposta tão vibrante quanto em qualquer outro lugar do globo.

Todavia, tanto no Novo quanto no Velho Mundo, o trabalho de Greimas também encontrou desafios. No final dos anos 1970, ele e seu grupo elaboraram uma abordagem altamente complexa, cujos numerosos conceitos e termos explicitamente interdefinidos exigiam um intenso aprendizado de um ano ou mais com os greimasianos para produzir pesquisas interessantes. Suas discussões sobre ciência e sociedade como sistemas ideológicos permaneceram muito menos radicais do que a postura e o tom que alcançaram ascendência em muitas sociedades após 1968, e que informaram adaptações mais populares das ciências da linguagem (por exemplo, Barthes, 2002 [1970], p. 3:121-131, [1974], p. 4:524-526; Kristeva, 1969). Ele também se recusou a seguir a tendência de dedicar muito mais atenção à enunciação em detrimento do enunciado, que ganhou destaque a partir dos anos 1980 na linguística e semiótica românica (Benveniste, 1966-1974; Kerbrat-orecchioni, 1980).

#### **4. Rússia-URSS e China**

A recepção de Greimas evoluiu cronologicamente e de maneiras significativamente diferentes em áreas cujas trajetórias culturais e científicas evidenciam muito mais divergências em relação aos desenvolvimentos gálicos do que as pesquisadas acima. A Guerra Fria exacerbou essas diferenças, fomentando

---

<sup>46</sup> Arquivos da EHESS, Dossier de fiches d'étudiants A. J. Greimas 1977-1985.

a elaboração de espaços dicotômicos, caracterizados por circuitos de comunicação e colaboração amplamente separados e não interseccionados. Esta seção examina a Rússia-URSS, bem como a então não alinhada, mas também comunista, nação da China.

#### 4.1 Rússia-URSS

A corte russa e a alta aristocracia desenvolveram tendências francófilas e adotaram o francês como segunda ou mesmo primeira língua no século XVIII, embora, posteriormente, essas tendências tenham diminuído de forma expressiva<sup>47</sup>. No século XX, Jakobson e outros estudiosos russos desempenharam um papel central na elaboração da linguística e da poética estruturais, e o Cours de linguistique générale, de Saussure, foi traduzido já em 1933. Sob Stalin, a URSS suspendeu virtualmente todas as trocas culturais com o Ocidente por duas décadas e, depois da guerra, muito mais alunos estudaram inglês ou alemão do que francês (Balous, 1970, p. 148; Haut Conseil de la Francophonie, 1989, p. 113; Kunavina, 2012, p. 77, 80).

Estudiosos soviéticos evidenciaram atitudes mistas em relação ao estruturalismo, variando do entusiasmo, especialmente pelo que eles consideravam expressões científicas e avatares do movimento, a condenações virulentas, notadamente, pelo que muitos consideravam desvio ideológico, que se desenvolveu na França dos anos 1960 e que divergia dos princípios marxistas-leninistas fundamentais (Gretskii, 1980; Velmezova, 2018a, 2018b; Vinogradov, 1980). Moscou apoiou novos métodos linguísticos e abordagens formais como os de Greimas, e tolerou a semiótica, particularmente, a escola de Tártu-Moscou (Ivanov, 1991; Rudy, 1986).

Por sua vez, Greimas considerou a escola de Tártu-Moscou a mais importante e interessante do mundo para seu grupo e seguiu suas pesquisas em linguística, semiótica e mitologia o melhor que pôde sem saber russo – às vezes com a ajuda de sua esposa como tradutora<sup>48</sup>. Além disso, o refugiado lituano estava empenhado em desenvolver colaborações entre intelectuais da OTAN e do Pacto de Varsóvia, em parte, na esperança de que tais contatos pudessem fornecer alguma proteção para os acadêmicos orientais e, também, com o objetivo de aumentar os intercâmbios institucionais e pessoais com sua terra natal. A partir de 1966, ele conheceu, correspondeu-se (em francês) e colaborou com linguistas e semiotistas como Vyacheslav Ivanov, Jurij Lotman, Eleazar

<sup>47</sup> Huchon (2002, p. 196-197, 216-217); Nadeau e Barlow (2006, p. 115-135, 153-154); Figes (2003, p. 55-57, 67, 84, 101-102); Riasanovsky (2005, p. 96, 125-127, 148, 161, 181); Riasanovsky e Steinberg (2005, p. 235-237, 266, 324, 282, 288, 298).

<sup>48</sup> Cartas de Greimas a Tomas Venclova, 19 dez. 1966, 7 mar. 1967, 11 set. 1968, 29 out. 1969, 19 mai. 1971, Lietuvių literatūros ir tautosakos institutas Bibliotekos rankraštynas (LLTI BR, Instituto de Literatura e Folclore Lituano, Coleção de Manuscritos da Biblioteca), F5-2921 (Coleção Antanas Venclova).

Meletinski, Pyotr Ouspensky, Isaak Revzin e Sebastian Šaumjan<sup>49</sup>. Ele já havia começado a se comunicar, se encontrar e trabalhar com o colega emigrado Jakobson em 1964<sup>50</sup>. Ele recrutou colegas russos para dar palestras e contribuir com artigos para os projetos que dirigia<sup>51</sup> e (sem sucesso) esforçou-se para editar uma antologia de dois volumes da semiótica soviética contemporânea<sup>52</sup>, um projeto impedido por problemas de tradução<sup>53</sup>.

Por sua vez, um linguista russo publicou uma detalhada resenha elogiosa de *Sémantique structurale* (Makovskii, 1967), e Meletinsky (1969) analisou de perto a adaptação do modelo morfológico de Vladimir Propp realizada no livro. Os estudiosos puderam ver a influência de Jakobson sobre traços fundamentais da abordagem de Greimas, incluindo o uso de elementos de análise com categorias semânticas e a extensão de conceitos gramaticais a outros domínios linguísticos e artísticos, e até mesmo à comunicação não verbal (Jakobson, 1971a [1957], 1971b [1956]; Greimas, 1960, 2000 [1963], 1964, 1968, 1974). Mesmo assim, nenhuma tradução ou revisão posterior se seguiu às primeiras respostas por uma década, embora Greimas continuasse a se corresponder com colegas russos e a interagir com eles em congressos internacionais. Ele também se encontrou com semioticistas soviéticos em Moscou, em 1971 e, em São Petersburgo, em 1979, em conjunto com visitas mais longas à Lituânia<sup>54</sup>.

Nas duas últimas décadas do século XX, o declínio do marxismo e uma maior abertura ao Ocidente criaram um clima mais favorável para as traduções russas da obra de Greimas<sup>55</sup>. Começando antes mesmo da política oficial da *glasnost*, linguistas, semioticistas e teóricos literários traduziram artigos que ele publicou na década de 1960 sobre mitos e estrutura narrativa, bem como trechos do dicionário de semiótica (Greimas; Courtés, 1979)<sup>56</sup>. Traduções russas de vários de seus ensaios sobre semiótica e mitologia também foram publicadas em Vilnius e distribuídas, principalmente, na Lituânia. Finalmente, neste século, três monografias traduzidas foram publicadas em Moscou, várias décadas após os textos originais. A cronologia espelha, aproximadamente, a dos mais conhecidos (pós)estruturalistas – Lévi-Strauss, Barthes e Foucault –, cujas obras tornaram-

---

<sup>49</sup> Cartas de Greimas a Jurij Lotman, set. 1966-nov. 1970, Tartu University library F 135-20 (Coleção Jurij Lotman).

<sup>50</sup> Arquivo de correspondências entre Greimas e Jakobson em MIT Libraries Archives, Roman Jakobson Papers, MC 72, Series VIII, Box 41, Folder 49 (Greet-Gry).

<sup>51</sup> Cartas de Greimas a Tomas Venclova, 29 out. 1966 a 12 abr. 1967, LLTI BR, F5-2921, -2922, e cartas para Lotman.

<sup>52</sup> Greimas, nota enviada a Clemens Heller, s.d. [12 jul. 1967], Arquivos da EHESS, Fonds Clemens Heller, dossiê “A-Z Linguistique,” pasta “Greimas, Correspondance.”

<sup>53</sup> Carta de Greimas a Tomas Venclova, s.d. [outono 1972], LLTI BR, F5-2921.

<sup>54</sup> A. J. Greimo viešnagė [Visita de A. J. Greimas] (1971); Kęstutis Nastopka, comunicação pessoal, 18 fev. 2012.

<sup>55</sup> Eu agradeço a Michael Smith pelas informações sobre as correntes intelectuais russas. No início dos anos 1990, apenas 8% dos alunos russos estudavam francês, enquanto 55% preferiam estudar inglês e 35% alemão, Kunavina (2012, p. 80).

<sup>56</sup> No último quarto do século XX, uma monografia de Greimas, meia dúzia de seus artigos e ensaios críticos sobre sua semiótica também foram publicados em polonês (Grzegorzcyk 1997).



se disponíveis em russo, principalmente, no século XXI, cerca de trinta a trinta e cinco anos após as edições francesas. Atualmente, aproximadamente metade das principais obras de Lévi-Strauss e Barthes, e a maioria dos textos importantes de Foucault podem ser lidos em russo<sup>57</sup>.

Se a geopolítica do século XX tivesse se desenvolvido em direções diferentes, Greimas poderia muito bem ter desfrutado de interações muito mais dinâmicas com colegas eslavos, que poderiam ter cultivado seus amplos interesses comuns. A Cortina de Ferro limitou drasticamente suas trocas, enquanto tendências sociolinguísticas politicamente condicionadas acrescentaram bloqueios. Sob o Império Russo, os pais de Greimas falavam polonês e russo fluentemente, bem como lituano (Greimas, 1991b, p. 258), enquanto, na União Soviética, sua sobrinha foi educada em lituano e russo. Ele próprio nasceu em Tula, Rússia, mas, como muitos outros de sua geração na Lituânia independente, não se beneficiou de fluência em algum idioma eslavo<sup>58</sup>.

## 4.2 Lituano

O lituano apresenta uma situação única para este estudo em dois aspectos. Primeiro, a língua nativa de Greimas, um idioma indo-europeu remotamente relacionado com o alemão e com o polonês, é falado por uma nação ocidental que foi incorporada à gigante URSS eurásiana após o Pacto Molotov-Ribbentrop de 1939. Mais da metade dos escritores, cientistas e artistas do país, incluindo Greimas, fugiram, em 1944, para outras terras (Dapkutė, 2012, p. 16; Terleckas, 2014, p. 74). Por praticamente toda a carreira de Greimas, a intelligentsia lituana formava um conjunto heterogêneo, do qual muitos lutaram para negociar o exílio ou a censura. Em segundo lugar, para esta investigação do impacto de Greimas no exterior, sua pátria e sua diáspora funcionam, ao mesmo tempo, como um meio que respondeu à sua semântica estrutural de língua francesa e semiótica, e como a fonte a partir da qual seu jornalismo e sua mitologia em lituano emanaram para outras culturas e línguas.

Os numerosos artigos que Greimas publicou em periódicos lituanos editados por refugiados geraram uma recepção animada entre outros exilados e, até mesmo, em sua pátria, onde circularam clandestinamente entre dissidentes. Os leitores valorizavam sua mente crítica e independente, imbuída de uma perspectiva ocidental moderna e inclinada à ironia e à sagacidade (GEDA, 1992). Eles se interessaram cada vez mais por sua pesquisa sobre folclore e mitologia, à

<sup>57</sup> Baseado nas buscas do autor de 11 a 14 nov. 2018 por traduções russas de livros de Lévi-Strauss, Barthes e Foucault em Worldcat (OCLC) e no catálogo *on-line* da Biblioteca Nacional da Rússia em São Petersburgo (interface em inglês), e em uma busca no dia 18 dez. 2018 do catálogo *on-line* (versão russa) da Biblioteca Estadual Russa de Moscou por Michael Smith. O catálogo INION RAN, the Institute of Scientific Information on Social Sciences, da Academia Russa de Ciências, em Moscou, também poderia ter sido analisado.

<sup>58</sup> Carta de Greimas a Irena Oškinaitė-Būtėnienė, 21 jun. 1958, Maironio lietuvių literatūros muziejus (MLLM, Maironis Lithuanian Literature Museum) ER-38789 (coleção Greimas).

medida que participavam na mesma medida da (re)construção de uma identidade nacional (Balys, 1977, p. 40)<sup>59</sup>. Graças à sua reputação acadêmica internacional e ao seu compromisso contínuo com o idioma e a cultura natais, até mesmo muitos lituanos soviéticos consideravam-no um herói nacional. Em 1971 e 1979, a Universidade de Vilnius conseguiu a autorização para convidá-lo para palestras e seminários, o que lhe permitiu estabelecer colaborações com jovens liberais. Ele obteve apoio para hospedar alguns deles para estudar francês e semiótica na França, e recrutou membros de seu grupo em Paris para ler artigos e ministrar seminários na Lituânia (Greimas, 1979b; Stoškus, 1972)<sup>60</sup>.

Os novos colaboradores de Greimas começaram a levar traduções de sua pesquisa para o lituano, mas lutaram contra dois obstáculos. Ventos políticos contrários mantinham fora de alcance a maioria dos locais; Moscou bloqueou a publicação de uma antologia de sua semiótica por cinco anos, na década de 1980, por exemplo. Mais desafiadora ainda, a dose de formalismo implícita em seus escritos acadêmicos limitou drasticamente o número de leitores potenciais e até mesmo tradutores em um país mergulhado em abordagens humanísticas tradicionais<sup>61</sup>. A chegada da *glasnost* e da independência removeu o primeiro obstáculo e mitigou o segundo, promovendo uma abertura para as metodologias ocidentais contemporâneas. Até o momento, cerca de metade dos principais trabalhos de Greimas em semântica e semiótica foi traduzida, incluindo quatro monografias, décadas após suas versões iniciais em francês, em alguns casos. Greimas e sua primeira esposa produziram versões em lituano de um punhado de seus artigos franceses nos anos 1950 e 1960, e seus colegas, mais tarde, traduziram inúmeras entrevistas e pequenos ensaios sobre semiótica e mitologia. Em 1992, a Universidade de Vilnius fundou o A. J. Greimas Centre for Semiotics and Literary Theory, que dirige um programa de mestrado, um seminário interdisciplinar e uma sessão de verão em semiótica e estudos interdisciplinares (Gregorjevas, 2010). Pesquisadores lituanos lançaram luz sobre a mitologia de Greimas, a sua extensa implicação na cultura e sociedade de sua pátria e o seu lugar nas tendências intelectuais recentes (Keršytė, 2017; Levina, 2017; Nastopka, 2017; Sverdiolas, 2019)<sup>62</sup>.

A primeira monografia de Greimas sobre mitologia ilustra o papel que a política global pode desempenhar na disseminação de ideias. *Apie dievus ir žmones* [Dos deuses e dos homens (1979a)] foi publicado por uma empresa de Chicago, dirigida por refugiados lituanos. Uma mulher que cresceu na Lituânia soviética, bilíngue em lituano e russo, lembra-se de que, quando menina, lia uma cópia contrabandeada do trabalho na casa de amigos logo após o lançamento –

<sup>59</sup> Saulius Žukas, entrevistado pelo autor, 4 jul. 2012.

<sup>60</sup> *Pranāzijos lietuvių žinios* (Paris) 44 (fev. 1972), 9; comunicações pessoais com Kęstutis Nastopka (5, 12 set. 2010) e Tomas Venclova (24 ago. 2010).

<sup>61</sup> Kęstutis Nastopka, e-mail para o autor, 18 nov. 2018.

<sup>62</sup> Ver as “Chroniques” da *Signata*, seção sobre a Lituânia.

mas não conseguia levar o “livro proibido” para fora da casa deles. Duas décadas e meia após a dissolução da URSS, a mulher obteve subvenções da independente República da Lituânia para traduzir a obra em russo e publicá-la em Moscou, em 2017, marcando o centenário do nascimento do autor<sup>63</sup>.

### 4.3 China

Dos três países do Leste Asiático que proporcionaram uma recepção significativa a Greimas – Japão, Coréia do Sul e China – o maior e mais populoso também respondeu de forma mais ativa ao seu trabalho. A dinastia Qing iniciou uma maior abertura para outras sociedades no final do século XIX, em resposta às humilhantes afrontas internacionais, derrotas e aos retrocessos (Grasso et al., 1997, p. 55-78; Keay, 2009, p. 487-499). Embora o francês tenha apenas logrado um distante terceiro lugar entre as línguas estrangeiras ensinadas na China, depois do inglês e do japonês, uma série de universidades de elite têm mantido fortes programas em língua e literatura francesas (Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 97; Organisation Internationale de la Francophonie, 2019, p. 187-192). Na década de 1960, os linguistas chineses traduziram e discutiram o estruturalismo continental e americano (Chen, 2017, p. 38; Li, 1988, p. 209). Inversamente, as políticas autossuficientes e anti-intelectuais de Mao Zedong entraram em sua fase mais radical na Revolução Cultural instituída, precisamente, no momento em que o seminário EPHE de Greimas foi lançado e a *Sémantique structurale* (1966) saiu (Grasso et al., 1997, p. 211-244). Foi só na efervescência intelectual pós-maoísta dos anos 1980 que os estudiosos da China reacenderam seu interesse pelo Ocidente, incluindo as tendências francesas recentes no (pós)estruturalismo e na semiótica (Li, 1988, p. 209-213; Lu; Hayhoe, 2004, p. 305). No outono de 1985, Fredric Jameson ministrou um seminário influente na Universidade de Pequim que incluiu discussões sobre o trabalho de Greimas (Zhang, 2004)<sup>64</sup>, e uma antologia de recentes ensaios teóricos ocidentais sobre arte e literatura em tradução continha um artigo de Greimas sobre estrutura narrativa<sup>65</sup>.

Greimas não teve a oportunidade de desenvolver contatos extensos com os asiáticos do leste: (o pós)estruturalismo precedeu a era em que estudantes da região começaram a frequentar universidades francesas em grande número e problemas de saúde forçaram Greimas a restringir as viagens internacionais a partir de meados da década de 1980. Desde a virada do século, professores chineses de francês que estudaram em Paris com Michel Arrivé ou outros especialistas da língua e da literatura francesa levaram traduções de quatro

<sup>63</sup> Marija Čepaitytė, e-mail para o autor, 6 nov. 2018.

<sup>64</sup> Hongjian Wang Route, e-mail para o autor, 20 out. 2018.

<sup>65</sup> Pelas informações sobre as correntes intelectuais chinesas e suas relações com Greimas, eu agradeço a Dan Hsieh, Hongjian Wang Route e Yu Huai (Zhiting Zhang).

monografias de Greimas, com projetos para outras três em andamento<sup>66</sup>. Na última década, o professor francês Yu Huai apresentou, aplicou e discutiu a semiótica greimasiana em locais visíveis (2019) e formou vários alunos de doutorado para dar continuidade ao trabalho. Ele enfatizou que a falta de equivalências linguísticas franco-chinesas estabelecidas colocava desafios consideráveis para traduzir o dicionário de semiótica. Ao mesmo tempo, ele argumenta que as reflexões chinesas sobre signos e símbolos ressoam com a semiótica peirciana e românica, mesmo que não sejam formuladas como teorias sistemáticas extensas<sup>67</sup>. Da mesma forma, análises detalhadas da sinóloga Jana Rošker afirmam que as epistemologias tradicional e neoconfucionista postulam relação e estrutura como traços fundamentais que caracterizam tanto o mundo externo quanto a mente humana, tornando as duas epistemologias compatíveis (2010), uma visão não inconsistente com as posições de Lévi-Strauss (1964, p. 18-22). O (pós)estruturalismo e Greimas gozaram de uma resposta significativa também nas nações confucionistas do Japão e da Coreia, sobretudo nas últimas três décadas do século passado<sup>68</sup>.

#### **4.4 Perspectivas finais sobre culturas não-convergentes: universais e particulares**

As discussões e traduções dos escritos de Greimas em línguas eslavas e do leste da Ásia proporcionaram, à sua obra, uma nova vida no final de sua própria existência terrena e além dela. Como em outros contextos, sua semiótica atraiu pesquisadores que desenvolvem métodos de análise textual e cultural que renovam ou complementam as abordagens filológicas e históricas tradicionais. Os novos eventos desfrutam do potencial para gerar respostas que contrastam, correlacionam ou combinam suas propostas com perspectivas bem distintas do cadinho cultural em que seu trabalho foi inicialmente forjado.

Notavelmente, esses novos leitores trazem perspectivas únicas para questões críticas, como a distinção entre universais hipotéticos e práticas culturalmente específicas. Muitos dos componentes centrais da teoria de Greimas, como o quadrado semiótico e a sintaxe semionarrativa, representam modelos lógico-matemáticos altamente abstratos e gerais, que podem ser

---

<sup>66</sup> Pelas informações sobre projetos de tradução atuais, eu agradeço a Yu Huai (Zhiting Zhang), e-mails para o autor, 10 set. e 19 dez. 2019.

<sup>67</sup> Yu Huai (Zhiting Zhang), e-mails para o autor, set. 2019 - jan. 2020.

<sup>68</sup> Embora o francês seja raramente ensinado no Japão, o (pós)estruturalismo desencadeou debates epistemológicos e metodológicos fundamentais entre os intelectuais do país, a partir dos anos 1960-1970, enquanto, duas décadas depois, acadêmicos especialistas em língua e literatura francesas publicaram traduções para o japonês de duas monografias de Greimas (comunicações pessoais de Eiji Sekine, 19 out. 2018; também Ogino, 2012 e Toyama, 1986, p. 328 e 333-334). Especialistas coreanos de língua e literatura adotaram vários elementos da linguística estrutural continental nas décadas de 1950-1960, estudiosos da literatura começaram a discutir (pós)estruturalistas ativamente, na década de 1980 e, desde então, colegas traduziram quatro livros de Greimas e publicaram uma monografia sobre a sua semiótica (Bak, 2003; Choi; Kim, 2004).

considerados universais, como ele propõe (Greimas; Courtés 1982 [1979], p. 359-361). O uso desses componentes por pesquisadores não ocidentais para estudar as práticas e os produtos de sua cultura, incluindo as análises de Yu Huai de textos chineses (2019), Akli Mechtoub de uma rua em Argel (2018) e Abiba Diarrassouba de romances marfinenses (2015), pode ser visto como indício de apoio para tal proposição. Por outro lado, Greimas define, apropriadamente, outros elementos de sua abordagem como culturalmente vinculados, à semelhança do esquema narrativo proppiano, construído para descrever histórias ocidentais tradicionais (Greimas; Courtés 1982 [1979], p. 206).

No entanto, a distinção entre o universal e o particular permanece discutível em certos casos. Em análises textuais de escritos franceses modernos, Greimas adota a articulação do universo em quatro elementos principais, terra, água, ar e fogo, amplamente encontrados no Ocidente ao longo dos séculos, de Aristóteles e da filosofia e medicina medievais a Bachelard (Greimas, 1983b [1966], p. 265-269, 1988 [1976], p. 40-45, 224-231, 233-243; Bachelard, 1964 [1938]). Ele caracteriza esse esquema quádruplo como uma “estrutura figurativa elementar” cujos termos podem ser realizados em vários arranjos, mapeados para aqueles da categoria universal natureza vs cultura, e vinculados a diferentes significados em indivíduos e sociedades (Greimas; Courtés, 1982 [1979], p. 361, “Universo” #3). Seu prefácio a um artigo de semiótica que encontra os mesmos quatro fenômenos cosmogônicos no Alcorão enfatiza que tais estudos revelam “especificidades” culturais, incluindo “organizações” dos termos, atestando “o relativismo de culturas que tendem ao universal” (1991a, p. ii). Sem ir tão longe a ponto de localizar a estrutura quádrupla entre universais hipotéticos, ele parece considerar essa possibilidade. Inversamente, o ensaio de um semioticista greimasiano sobre a percepção observa que a China e o Japão, comumente, empregam uma cosmogonia de cinco termos diferentes, que adiciona madeira e metal/ouro, deixando de fora o ar, que o artigo descreve como um operador capaz de transformar os elementos (Keane, 1991, p. 3n6). Embora comparável de maneiras significativas, esse esquema identifica vários elementos totalmente diferentes e não pode, de forma alguma, ser interpretado como uma mera variante da configuração ocidental.

Da mesma forma, ao definir os mecanismos constitutivos da enunciação, Greimas adotou a caracterização de Benveniste do ato de fala como centrado na relação entre dois sujeitos pessoais, “eu” e “tu”, enquanto as análises linguísticas descrevem o japonês como primeiro plano, em vez do domínio público e da posição relativa dos falantes dentro de uma hierarquia social (Benveniste, 1971 [1966], p. 223-266; Fontanille, 2006 [2003], p. 187-191; Greimas; Courtés, 1982 [1979], p. 87-91). Por outro lado, enquanto Benveniste argumenta que a enunciação está universalmente enraizada nos conceitos de pessoa e sujeito, Greimas posiciona a problemática entre as práticas culturalmente específicas

(Benveniste, 1971 [1966], p. 225-226)<sup>69</sup>. As hipóteses ocidentais sobre os universais cognitivos podem ser proveitosamente confrontadas com as estruturas linguísticas e categorias culturais que operam em outras sociedades.

## 5. Síntese

### 5.1 Estudantes de doutorado sob orientação de Greimas

A Tabela 1 mostra a distribuição regional de novos alunos de doutorado que Greimas matriculou na EHESS entre 1977 e 1985, enquanto a Tabela 2 mostra a distribuição desses alunos por nacionalidade<sup>70</sup>.

**Tabela 1:** Distribuição regional dos novos alunos de doutorado na EHESS de Greimas em 1977-1985, com base na nacionalidade.

	1977-78	78-79	79-80	80-81	82-83	83-84	84-85	Total
<b>França</b>	10	3	4	2	1	1	1	22
<b>América Latina</b>	4	4	2	4	2	1	3	20
<b>Europa Ocidental ex França</b>	4	6	3		2		2	17
<b>África</b>	1		1		4		1	7
<b>Ásia</b>	1				1	1	1	4
<b>Canadá e EUA</b>	2	2						4
<b>Europa Oriental</b>						1	1	2
<b>Austrália</b>			1					1
<b>Total</b>	22	15	11	6	10	4	9	77

**Fonte:** Elaboração do autor.

**Tabela 2:** Nacionalidades dos novos alunos de doutorado na EHESS de Greimas em 1977-1985.

	1977-78	78-79	79-80	80-81	82-83	83-84	84-85	Total
<b>Franceses</b>	10	3	4	2	1	1	1	22
<b>Mexicanos</b>	1	1	1	3	1	1		8
<b>Venezuelanos</b>	1	2		1	1		1	6

<sup>69</sup> Em seu “percurso gerativo”, Greimas colocou a instância enunciativa na “sintaxe narrativa de superfície”, que a posiciona no campo das práticas culturais e não dos universais hipotéticos (Greimas; Courtés, 1982 [1979], p. 132-134).

<sup>70</sup> Arquivos da EHESS, Dossier de fiches d'étudiants A. J. Greimas 1977-1985, e ver nota 18 deste ensaio.

<b>Italianos</b>	2		2				1	5
<b>Portugueses</b>	1	1	1				1	4
<b>Canadenses</b>	1	2						3
<b>Argentinos</b>	1						1	2
<b>Gregos</b>					2			2
<b>Marroquinos</b>					1		1	2
<b>Peruanos</b>	1						1	2
<b>Sul-coreanos</b>					1		1	2
<b>Outros (um a cada 77–85)</b>	471	672	373	0	374	275	176	19
Total	22	15	11	6	10	4	9	77

**Fonte:** Elaboração do autor.

Um pouco mais de franceses se inscreveram com ele do que latino-americanos que, por sua vez, superavam, em número, os europeus ocidentais de fora da França. Essas três áreas forneceram mais de três quartos de seus novos orientandos na EHES durante o período. Os falantes nativos de língua românica representavam 85% dos alunos, metade deles falantes nativos de francês de todo o mundo.

## 5.2 Traduções de Greimas

A Tabela 3 mostra a distribuição linguística dos setenta e cinco livros de Greimas traduzidos. Para cada idioma, a tabela especifica o número médio de anos que normalmente transcorreram entre os textos de origem e de destino, o número de artigos ou capítulos de livros traduzidos e o intervalo de datas que marca o primeiro e o último de seus livros ou artigos traduzidos já publicados. Embora representem o fruto de extensa pesquisa individual e comunicação com colegas internacionais ao longo de muitos anos, os dados permanecem abertos a novas adições e alterações.

A língua nativa de Greimas, o lituano, tem a distinção de produzir a primeira, a mais recente (em outubro de 2020) e as mais numerosas traduções de sua obra. Ele também foi amplamente traduzido em inglês, italiano, português e espanhol e, consideravelmente, embora depois de algum atraso, em chinês, coreano, romeno e russo. As traduções secaram de maneira impressionante em alemão, logo depois que o estruturalismo recuou do centro do palco, enquanto um número significativo continuou a surgir neste século em árabe, chinês,

<sup>71</sup> Argelino, Dominicano, Holandês, Estadunidense.

<sup>72</sup> Belga (e canadense, dupla nacionalidade), Alemão, Guatemalteco, Islandês, Espanhol, Suíço.

<sup>73</sup> Australiano, Brasileiro, Costa-marfinense.

<sup>74</sup> Argelino, Senegalês, Zairense (Congolês).

<sup>75</sup> Chinês, Polonês.

<sup>76</sup> Romeno.



italiano, lituano e russo. As regiões em que surgiram menos traduções de seus escritos incluem o Oriente Médio e a Ásia Central.

**Tabela 3:** Cronologia e distribuição linguística das traduções dos escritos de Greimas.

Língua	Livros traduzidos	Média típica do idioma em anos	Artigos	Primeira-última datas de todas as traduções
<b>Italiano</b>	11	3	11	1966-2017
<b>Espanhol</b>	11	4	6	1971-1999
<b>Português</b>	11	5	5	1973-2014
<b>Inglês</b>	7	10	26	1968-2016
<b>Lituano</b>	5	24	32	1956-2018
<b>Chinês</b>	4	31	1	1989-2009
<b>Russo</b>	3	31	7	1983-2017
<b>Coreano</b>	3	17	0	1988-2014
<b>Romeno</b>	3	10	?	1975-1997
<b>Japonês</b>	2	22	1	1976-1992
<b>Dinamarquês</b>	2	9	1	1969-1988
<b>Holandês</b>	2	10	1	1987-1991
<b>Francês</b>	2	16	2	1962-2017
<b>Bielorusso</b>	2	19	0	2003
<b>Árabe</b>	2	31	1	1968-2017
<b>Alemão</b>	1	5	9	1968-1979
<b>Polonês</b>	1	6	5	1978-1993
<b>Turco</b>	1	18	3	1983-2000
<b>Finlandês</b>	1	14	1	1979-1980
<b>Persa</b>	1	23	0	2010
<b>Estoniano</b>	0		1	1999
<b>Total: 21</b>	<b>75</b>	<b>11</b>	<b>109</b>	<b>1956-2018</b>

**Fonte:** Elaboração do autor.

## Conclusões

A recepção internacional de Greimas confirma a regra geral de que contextos sociais de longa duração desempenham um papel considerável na formação do impacto global de uma obra. A resposta que cada zona cultural estudada proporcionou ao seu projeto permanece intimamente ligada à sua

apropriação das tendências europeias e, especificamente, francesas, na ciência, sobretudo em linguística, estudos literários e semiótica. É especialmente graças ao prestígio de Paris e de suas instituições educacionais mais importantes, ao amplo interesse no (pós)estruturalismo e ao sucesso da semiótica de Roland Barthes e Umberto Eco que uma abordagem cerebral e exigente como a de Greimas tem desfrutado de uma presença substancial em tantas terras. América do Norte, Rússia-URSS e China demonstram que o atraso no trânsito de uma obra para outra cultura não compromete, necessariamente, sua recepção, desde que chegue junto com a corrente maior da qual faz parte.

O papel da língua francesa em uma sociedade e seu sistema educacional representa um fator significativo para suas relações com a França e seu diálogo com a cultura gálica. Durante a vida de Greimas, China, Alemanha, Japão, Coréia e URSS contavam com uma porcentagem relativamente baixa de alunos aprendendo francês, e forneceram uma resposta igualmente modesta ao seu projeto. Inversamente, no mesmo período, uma porcentagem muito maior de alunos cursava francês nos Estados Unidos, onde seu trabalho teve uma repercussão muito mais forte. Falantes nativos de inglês especializados em língua e literatura francesas, a exemplo de Fredric Jameson e Paul Perron, serviram como intermediários decisivos para Greimas no mundo anglófono, e muitos outros, entre seus tradutores de inglês, também estudaram francês na escola.

Por um lado, apesar das bases de estudantes universitários dos EUA em francês e de sua ampla participação em estudos no exterior na França durante os anos em que Greimas lecionou em Paris, relativamente, poucos deles seguiram seu seminário ou adotaram sua abordagem como própria, ao contrário de seus colegas na América Latina, onde o francês figurava apenas como a segunda língua estrangeira, na melhor das hipóteses. Por outro lado, o idioma de Molière estava sendo falado ou ensinado menos que uma ou mais outras línguas em muitas nações da América Latina, Europa Oriental e África subsaariana francófona e Magrebe. Em contrapartida, boa parte das elites e de pesquisadores dessas regiões – o grupo demográfico que abasteceu os colaboradores e alunos de doutorado de Greimas – cultivou a língua francesa, em parte, para diversificar seus contatos e perspectivas para além de qualquer monólito linguístico e cultural hegemônico (Haut Conseil de la Francophonie, 1986, p. 92, 95, 120). As especificidades sociolinguísticas do uso de uma segunda língua ou língua estrangeira em diferentes ambientes, setores econômicos ou grupos de idade podem condicionar fortemente a acessibilidade das pesquisas produzidas nessa língua.

A competência nativa em um idioma e cultura românicos está intimamente relacionada ao envolvimento com as ideias gálicas, incluindo o trabalho de Greimas. Os latinos não apenas representaram 85% de seus novos

alunos na EHESS, entre 1977 e 1985<sup>77</sup>, mas também proporcionaram a recepção e o desenvolvimento mais fortes de suas ideias. As semelhanças linguísticas e culturais das nações românicas, portanto, parecem ter servido como um fator determinante na formação da geografia cultural de seu impacto internacional.

Estruturas institucionais e contatos pessoais também fomentaram a participação no projeto de Greimas de maneira crítica. A complexidade de sua semiótica tornava as trocas diretas proporcionadas por locais como seu seminário e atividades descentralizadas quase indispensáveis para dominar sua abordagem. Entre os espaços culturais fora da França, a América Latina enviou o maior número de pesquisadores para estudar com seu grupo em Paris e, correspondentemente, proporcionou a seus métodos uma resposta que só perde para a vizinha Itália, talvez. Na América Latina, Greimas deu palestras e seminários exclusivamente no Brasil que, por sua vez, estabeleceu grupos de pesquisa muito mais numerosos e ativos que desenvolvem suas ideias mais do que qualquer outro país da região (Barros, 2012, p. 132-139; Lemos *et al.*, 2012, p. 53-60). Enquanto, nos primeiros anos de seu seminário, as editoras frequentemente iniciavam e dirigiam as traduções de seus escritos, posteriormente, indivíduos que estudaram ou colaboraram com ele instigaram e lideraram os projetos. Dos seus onze livros traduzidos para o italiano, os participantes do seu seminário ou os alunos desses últimos (co)produziram sete; em inglês, a proporção chega a cinco em oito, e em espanhol seis em onze. Durante a vida de Greimas, mais da metade de seus livros traduzidos envolveu o trabalho de pesquisadores que trabalharam com ele em Paris, fornecendo seus mais importantes interlocutores internacionais, incluindo Diana Luz Pessoa de Barros, Paolo Fabbri, Fredric Jameson, Herman Parret e Paul Perron.

Por outro lado, embora as dezenas de viagens de Greimas à América do Norte anglófona tenham fortalecido muito uma quantidade razoável de colaborações importantes, elas geraram poucos novos discípulos e se mostraram insuficientes para triunfar sobre as tendências intelectuais nativas a ponto de estabelecer instituições duradouras, como programas, grupos de pesquisa, ou revistas dedicadas à sua semiótica, como aconteceu na América Latina. Parece que a agência individual pode tirar proveito, mas não pode substituir ou superar as relações interculturais gerais e as semelhanças na produção de conhecimento e tradições, pelo menos no presente caso. ●

---

<sup>77</sup> Arquivos da EHESS, Dossier de fiches d'étudiants A. J. Greimas 1977-1985.

## Referências

- ABLALI, Driss; DUCARD, Dominique (orgs.). *Vocabulaire des études sémiotiques et sémiologiques*. Paris: Honoré Champion, Besançon/ Presses universitaires de Franche-Comté, 2009.
- ALEXANDRESCU, Sorin. Le deuxième séminaire international “L’analyse du récit”. Urbino, 24-31 juillet 1968. *Revue roumaine de linguistique*, n. 14, v. 2. Bucharest, 1969. p. 189-190.
- ANDERSON, Warwick. From subjugated knowledge to conjugated subjects: Science and globalization, or postcolonial studies of science? *Postcolonial Studies*, n. 12, v. 4. 2009. p. 389-400.
- ANDRIEKUS, Leonardas. Žvilgsnis į III Mokslo ir kūrybos simpoziumą [A look at the Third Symposium on Sciences and Creativity]. *Aidai*, n. 1, v. 42. Brooklyn, 1978.
- ANNUAIRE. *École pratique des hautes études*. Section des sciences économiques et sociales (Paris), 1956-1975.
- ASSIS SILVA, Ignacio. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BACHELARD, Gaston. *The psychoanalysis of fire*. Trad. Alan C. M. Ross. Boston: Beacon, 1964 [1938].
- BACHMANN-MEDICK, Doris. The translational turn. *Translation Studies*, n. 2, v. 1. 2009. p. 2-16. DOI: 10.1080/14781700802496118. Taylor & Francis Online. Acesso em: 26 dez. 2019.
- BAK, In Choel. *Parihakpau kihohak* [Paris School semiotics]. Seoul: Mineumsa, 2003.
- BALLÓN AGUIRRE, Enrique. Semiotics in Peru. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1986. p. 387-405.
- BALLÓN AGUIRRE, Enrique. Semiotics in Peru 1980-1988. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1990, p. 195-219.
- BALOUS, Suzanne. *L’Action culturelle de la France dans le monde*. Paris: Presses universitaires de France, 1970.
- BALYS, Jonas. Apie mitologiją iš esmės [About the essence of mythology]. *Naujoji viltis*, n. 10. Chicago, 1977. p. 40-51.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Directions et rôles de la sémiotique en Amérique du Sud: premières réflexions. In: *L’institution de la sémiotique: recherche, enseignement, professions*. *Signata*, n. 3 (édition spéciale). Liège, 2012. p. 131-160.
- BARTHES, Roland. *Elementi di semiologia*. Torino: Einaudi, 1966 [1964].
- BARTHES, Roland. *Œuvres complètes*. Éric Marty (org.). Rev. ed. 5 vols. Paris: Le Seuil, 2002.
- BASSO FOSSALI, Pierluigi; DONDERO, Maria Giulia. *Semiotica della fotografia*. Rimini: Guaraldi, 2006.

BASSO FOSSALI, Pierluigi; DONDERO, Maria Giulia. *Sémiotique de la photographie*. Tradução de Nathalie Roelens, Sabrina D'Arconso e Clément Lévy. Limoges: Pulim, 2011.

BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente e sentido*. Ensaios de interface: psicanálise, linguística, semiótica. São Paulo: AnnaBlume, 2009.

BENGRAD, Said (Org.). 2017. *Simyā 'iyāt krimāṣ fi al dhikrā al mi'awiyya al'ūlā limīlā dhih* [سميائيات كريماس في الذكرى المئوية الأولى لميلاده] [Greimas's semiotics on the centennial of his birth]. 'Alāmāt [علامات] (Meknès) 47 (Edição especial). Disponível em: <http://www.saidbengrad.net/al/47/index.htm>. Acesso em: 16 fev. 2020.

BEN MSILA, Anouar. Greimas et Barthes: identité d'objet, différence d'objectifs et de dispositifs. In: BEN MSILA, Anouar (org.). *Greimas aujourd'hui: du sens et des langages* (Actes de colloque 51). Actes du Colloque international, Université Moulay Ismaïl-Meknès, 22-23 nov. 2016. Meknès: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Meknès, 2019. p. 115-139.

BEN MSILA, Anouar (org.). *Greimas aujourd'hui: du sens et des langages* (Actes de colloque 51). Actes du Colloque international, Université Moulay Ismaïl-Meknès, 22-23 nov. 2016. Meknès: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Meknès, 2019.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. 2 vols. Paris: Gallimard, nrf. [Vol. 1, 1966-1974].

BENVENISTE, Émile. *Problems in general linguistics*. Trad. Mary Elizabeth Meek. Coral Gables, FL: University of Miami Press, 1971.

BERG, Walter Bruno; DE BEHAR, Lisa Block (orgs.). *France-Amérique latine: croisements de lettres et de voies*. Paris: l'Harmattan, 2007.

BETTETINI, Gianfranco; CASETTI, Francesco. Semiotics in Italy. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1986. p. 293-321.

BIGLARI, Amir (coord). Chroniques 2010. *Signata*. Annales de sémiotique/Annals of Semiotics (Liège). Disponível: <https://journals.openedition.org/signata/321>. Acesso em: 10-28 jan. 2020.

BLANCO, Desidério. *Semiótica del texto filmico*. Lima: Universidad de Lima, 2003.

BLONSKY, Marshall (org.). *On signs*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BRANDT, Per Aage. *Spaces, domains, and meanings: Essays in cognitive semiotics* (European Semiotics 4). Bern & New York: Peter Lang, 2004.

BRODEN, Thomas F. Algirdas Julius Greimas: Education, convictions, career. *The American Journal of Semiotics*, n. 3, v. 1-2. 2015. p. 1-27. DOI: 10.5840/ajs2015311/21. Acesso em: ago. 2015.

BRODEN, Thomas F. Chronology of A. J. Greimas. In: BRODEN, Thomas; MATTHEWS, Stéphanie Walsh (orgs.). A. J. Greimas - Life and semiotics/La vie et la sémiotique d'A. J. Greimas. *Semiotica*, n. 214 (edição especial), 2017a. p. 9-13. DOI: 10.1515/sem-2016-0195. Acesso em: 10 out. 2019.

BRODEN, Thomas F. Introduction: From A. J. Greimas to Romance semiotics today. In: BRODEN, Thomas; MATTHEWS, Stéphanie Walsh (orgs.). La Sémiotique post-greimassienne/Semiotics post-Greimas. *Semiotica*, n. 219 (edição especial), 2017b. p. 3-12. DOI: 10.1515/sem-2017-0131. Acesso em: 14 nov. 2019.

- BRODEN, Thomas F. Selected works by A. J. Greimas. *Semiotica*, n. 214 (fev.), 2017c., p. 409–438. DOI: 10.1515/sem-2016-0217. Acesso em: 1 out. 2019.
- BRODEN, Thomas F. Reception, translation, and cultural context: Projects for Greimas's *Sémantique structurale* (1966) in English, the place of linguistics in the human sciences, and Franco-American (dis)connections. *Historiographia Linguistica*, n. 47, v. 2 (no prelo).
- CARELLI, Mario. *Cultures croisées: histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Paris: Nathan, 1993.
- CARRÉ, Jean-Marie. *Les écrivains français et le mirage allemand, 1800-1940*. Paris: Boivin, 1947.
- CASANOVA, Pascale. *The world republic of letters*. Trad. M. B. DeBevoise. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- CELESTE FILHO, Macioniro. Os primórdios da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 19, jan.–abr., 2009, p. 187-204.
- CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks: Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004.
- CHEN, Weiyang. Development of linguistics in China: A study of the contributions of Yuen Ren Chao and Wang Li. *Historiographia Linguistica*, n. 44, v. 1. 2017. p. 1-46.
- CHEVALIER, Jean-Claude; ENCREVÉ, Pierre. *Combats pour la linguistique, de Martinet à Kristeva: essai de dramaturgie épistémologique*. Lyon: ENS, 2006.
- CHOI, Yong-Ho; KIM, Hyun-Kwon. Saussurism in Korea. *SemiotiX*, n. 1. 2004. Disponível em: <https://semioticon.com/sx-old-issues/semiotix1/sem-1-04-2.html>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT, 1965.
- CLARK, William. 2008. *Academic charisma and the origins of the research university*. Chicago: University of Chicago Press.
- COLLOQUE NUDGES. 2019. Colloque "Nudges" 2019: De la manipulation à l'incitation - Inflexion des comportements et politiques publiques. International conference sponsored by the Fédération Romane de Sémiotique, Université de Limoges, 16–18 out. 2019. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ceres-colloquenudges2019/presentation-2/>. Acesso em: mar. 2020.
- CORRAIN, Lucia; VALENTI, Mario. (orgs.). *Leggere l'opera d'arte. Dal figurativo all'astratto* (Teoria della Cultura). Bologna: Esculapio, Progetto Leonardo, 1991.
- Correspondances sémiotiques* (Paris). 1986. Bulletin de la FIS Fédération internationale des centres de recherche en sémiotique.
- CORTÁZAR, Julio. *Rayuela*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1963.
- CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CUSSET, François. *French theory: How Foucault, Derrida, Deleuze, & Co. transformed the intellectual life of the United States*. Trad. Jeff Fort, Josephine Berganza e Marlon Jones. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- DAPKUTÉ, Daiva. An overview of the emigration processes of Lithuanians. *Lituanus*, n. 58, v. 3. 2012. p. 5-29.

- DARNTON, Robert. *The business of Enlightenment: A publishing history of the Encyclopédie, 1775-1800*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- DE LEMOS, Cláudia; VITTO, Maria Francisca Lier-De; ANDRADE, Lourdes; SILVEIRA, Eliane Mara. Le saussurisme en Amérique latine. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 56. 2003. p. 165-176.
- DIARRASSOUBA, Abiba. *La perception et la communication de l'objet valeur: l'oralité dans la prose romanesque de Amadou Koné*. Tese de doutorado. Université de Limoges, Sciences du langage & Université Alassane Ouattara (Bouaké), Costa do Marfim, 2015. Carregada no HAL, 8 fev. 2017. Disponível: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01454691/document>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- ECO, Umberto. *Opera aperta: forma e indeterminazione nelle poetiche contemporanee*. Milan: Bompiani, 1962.
- ECO, Umberto. *Appunti per una semiologia delle comunicazioni visive*. Milan: Bompiani, 1967.
- ECO, Umberto. *La struttura assente*. Introduzione alla ricerca semiologia. Milan: Bompiani, 1968.
- ECO, Umberto. *Semiotics and the philosophy of language*. Bloomington: Indiana University Press, 1986.
- ESCUADERO, Lucrecia. La Federación Latinoamericana de Semiótica. ¿Existen los semiólogos latinoamericanos? Alicante: Biblioteca virtual Miguel de Cervantes, 2006 [1998]. p. 17-37. Disponível em: [www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com). Acesso em: 21 fev. 2020.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands (Perspectives germaniques)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- ESPAR, Teresa. *La semiótica y el discurso literario latinoamericano*. 2 ed. Caracas: Monte Ávila, 2001.
- ESPAR, Teresa. *Semántica al día*. Mérida: Grupo de Investigaciones Semiolingüísticas, Consejo de Estudios de Postgrado, Consejo de Desarrollo Científico, Humanístico y Tecnológico, Universidad de Los Andes, 2006.
- FABBRI, Paolo. *Vedere ad arte*. Iconico e icastico. Tiziana Migliore (ed.). Milan: Mimesis, 2020.
- FIGES, Orlando. *Natasha's dance: A cultural history of Russia*. New York: Picador & London: Penguin. (Copyright 2002), 2003.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES Ortíz, Roberto. *Sucesos y relato*. Hacia una semiótica aspectual. Mexico: ENAH-INAH, 2015.
- FONTANILLE, Jacques. *The semiotics of discourse*. Tradução de Heidi Bostic. (Berkeley Insights in Linguistics and Semiotics 62). New York: Peter Lang, 2006 [2003].
- FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- GARZA CUARÓN, Beatriz. Semiotics in Mexico. In: SEBEOK, Thomas A; UMIKER-SEBEOK, Jean. *The Semiotic Web 1987*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton. 1988, p. 267-305.
- GAUDILLIÈRE, Jean-Paul. Paris-New York roundtrip: Transatlantic crossings and the reconstruction of the biological sciences in Post-war France. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, n. 33(3), 2002. p. 389-417. Science Direct. Acesso em: 27 dez. 2019.



GEDA, Sigitas. Gyvos minties išpuoliai [The sallies of a live mind]. Review of Greimas, *Iš arti ir iš toli*, 1991b. *Metai. Lietuvos rašytojų sąjungos mėnraštis*. Vilnius, n. 5 (27 fev.), 1992, p. 177-179.

GILSON, Gregory; LEVINSON, Irving (orgs.). *Latin American positivism: New historical and philosophic essays*. Lanham, MD: Lexington, 2012.

GRASSO, June; CORRIN, Jay; KORT, Michael. *Modernization and revolution in China*. Armonk, NY: Sharpe, 1997.

GREGORJEVAS, Andrius. Semiotics in Lithuania: The A. J. Greimas Semiotics and Literary Theory Center at Vilnius University. *Semiotix*, new series, n. 2, 2010. Disponível em: <https://semioticon.com/semiotix/2010/07/>. Acesso em: 24 ago. 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Dirva*. Cleveland, 94 (2 set.). 8, 1965.

GREIMAS, Algirdas Julien. Remarques sur la description mécanographique des formes grammaticales. *Bulletin d'information du laboratoire d'analyse lexicologique*. Besançon, n. 2, 1960. p. i-xxv (versão revisada 1966).

GREIMAS, Algirdas Julien. Les topologiques: identification et analyse d'une classe de lexèmes. *Cahiers de lexicologie*, n. 4, 1964. p. 17-28.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966. [Traduções: italiano 1969, alemão 1971, espanhol 1971, português 1973, trecho inglês 1973, dinamarquês 1974, finlandês 1980, tradução completa inglês 1983, japonês 1988, chinês 1999, russo 2004, lituano 2005].

GREIMAS, Algirdas Julien. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: GREIMAS, Algirdas Julien (org.). *Pratiques et langages gestuels*. *Langages*, n. 10, (edição especial), 1968. p. 3-35. [Republicado em 1970, *Du sens*, p. 49-91.]

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1970. [Traduções: espanhol 1973, italiano 1974, português 1975, romeno 1975, trecho inglês 1987 e 1990, trecho lituano 1989, japonês 1992, trecho coreano 1997, chinês 2005.]

GREIMAS, Algirdas Julien. Viešnage [A. J. Greimas's visit]. *Literatūra ir menos*. Vilnius, n. 43 (1300), 23 out, 1971.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Structural semantics*. Tradução de Harjeet Singh Gill. *Pàkha Sanjam*, n. 6, 1973 [1966]. p. 231-315 (tradução parcial).

GREIMAS, Algirdas Julien. Pour une sémiotique topologique. In: ZEITOUN, Jean (org.). *Sémiotique de l'espace. Notes méthodologiques en architecture et en urbanisme*, 3-4, (edição especial), 1974, p. 1-21. [Republicado em 1976, *Sémiotique et sciences sociales*, p. 129-157.]

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémiotique et sciences sociales*. Paris: Seuil, 1976. [Traduções: espanhol 1980, português 1981, trecho inglês 1987, italiano 1991, chinês 2009.]

GREIMAS, Algirdas Julien. O visgi kalba ką nors reiškia. Pasikalbėjimas su Algirdu Greimu [Nevertheless, language means something. A conversation with Algirdas Greimas]. Interview. *Akiračiai*, n. 9 (93). Chicago, 1977. p. 8-9.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Apie dievus ir žmones: lietuvių mitologijos studijos* [Of gods and men: Lithuanian mythological studies]. Chicago: A M & M, 1979a. [Traduções: francês 1985, trecho italiano 1985, 1988-1989 revisado 1995 (do francês 1985), 2017; inglês 1992, romeno 1997 (do francês 1985), bielorrusso 2003, russo 2017.]

- GREIMAS, Algirdas Julien. Kad pasilikty kultūros istorijoj [Let it remain in the history of culture]. Segunda entrevista de Vilius Baltrėnas. *Gimtasīs kraštas*. Vilnius, n. 1. 1979b. p. 4-5.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983a. [Traduções: italiano 1985, espanhol 1989, trecho inglês 1987 e 1990, trecho lituano 1989, trecho coreano 1997, chinês 2005, português 2014.]
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Structural semantics: An attempt at a method*. Tradução de Daniele McDowell, Ronald Schleifer e Alan Velie. Lincoln: University of Nebraska Press, 1983b [1966].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Des dieux et des hommes: études de mythologie lithuanienne* (Formes sémiotiques). Paris: Presses Universitaires de France, 1985 [1979]. [Traduções: trecho italiano 1985, 1988–1989 revisado 1995, 2017; romeno 1997.]
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant: The semiotics of text. Practical exercises*. Tradução de Paul Perron (Semiotic Crossroads 1). Amsterdam & Philadelphia: Benjamin, 1988 [1976].
- GREIMAS, Algirdas Julien. Algirdas J. Greimas: “Turiu garbės pranešti, kad meilė egzistuoja!” [Algirdas J. Greimas: “I have the honor of announcing that love exists!”]. Entrevista de Saulius Beržinis. *Kinas*, Vilnius, n. 12, p. 7, 1990.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Avant-propos. *Nouveaux actes sémiotiques*, Limoges, n. 13, 1991a. p. I-II.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Iš arti ir iš toli: literatūra, kultūra, grožis* [From near and from far: Literature, culture, beauty]. Saulius Žukas (ed.). Vilnius: Vaga, 1991b.
- GREIMAS, Algirdas Julien. La sémiotique, c’est le monde du sens commun. Entrevista de François Dosse. *Sciences humaines*, n. 22. Auxerre, 1992. p. 13-15.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Analyse du contenu: comment définir les indéfinis (Essai de description sémantique). In: *La mode en 1830: langage et société, écrits de jeunesse*. BRODEN, Thomas F.; RAVAUX-KIRKPATRICK, Françoise (orgs.) (Formes sémiotiques). Paris: Presses Universitaires de France, 2000 [1963]. p. 383-400.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Entretien avec Algirdas Julien Greimas (1917–1992). Entrevista de Jean-Claude Chevalier e Pierre Encrevé. In: CHEVALIER, Jean-Claude; ENCREVÉ, Pierre. *Combats pour la linguistique*, de Martinet à Kristeva. Lyon: École Normale Supérieure, 2006. p. 121-143.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens en exil: chroniques lithuanienes*. Tradução de Lina Perkauskytė. Limoges: Lambert-Lucas, 2017a [1991b] (tradução parcial).
- GREIMAS, Algirdas Julien. Réflexions sur les possibilités d’une description de l’histoire de la linguistique. In: BRODEN, Thomas; MATTHEWS, Stéphanie Walsh (orgs.). A. J. Greimas - Life and semiotics/La vie et la sémiotique d’A. J. Greimas. *Semiotica*, n. 214, (edição especial). 2017b [1964], p. 15-28. DOI: 10.1515/sem-2016-0195. Acesso em: 10 dez. 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979. [Traduções: inglês 1982, espanhol 1982, português 1983, italiano 1986, holandes 1987, dinamarquês 1988, coreano 1988 (do inglês), turco 2000.]
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Semiotics and language: An analytical dictionary*. Trad. Larry Crist, Daniel Patte, James Lee, Edward McMahon, Gary Phillips e Michael Rengstorff (Advances in Semiotics). Bloomington: Indiana University Press, 1982 [1979]. [Traduções: coreano 1988.]

- GREIMAS, Algirdas Julien; KAŠUBA, Aleksandra. *Algirdo Juliaus Greimo ir Aleksandros Kašubienės laišakai 1988-1992* [Correspondance between Algirdas Julius Greimas and Aleksandra Kašuba 1988-1992], Gintautė Žemaitė Lidžiuvienė (org.). Vilnius: Baltos lankos, 2008.
- GRETSKII, M. N. Structuralism. *Great Soviet encyclopedia*. London: Collier Macmillan, v. 24. 1974-1983. p. 596-598.
- GROSSE, Ernst Ulrich. Was ist Semiotik? *Linguistica Biblica*. Bonn, n. 52, 87-113 e 54, 1982-1983. p. 27-52.
- GROUPE MU. *Rhétorique de la poésie: lecture linéaire, lecture tabulaire*. Brussels: Complexe, 1977.
- GRZEGORCZYK, Anna (org.). *Semiotyczne ośnienią: Szkice o teorii A. J. Greimasa* [Semiotic dazzlement: Sketches of A. J. Greimas's theories]. Poznań: Wydawnictwo Fundacji Humaniora, 1997.
- HABERMAS, Jürgen. *Theory of communicative action*. Tradução de Thomas McCarthy. Boston, MA: Beacon, 1984.
- HAUT CONSEIL DE LA FRANCOPHONIE. *État de la francophonie dans le monde*. Paris: Documentation française, 1986.
- HAUT CONSEIL DE LA FRANCOPHONIE. *État de la francophonie dans le monde*. Paris: Documentation française, 1989.
- HÉBERT, Louis. *Introduction à la sémantique des textes* (Bibliothèque de Grammaire et de Linguistique 9). Paris: Honoré Champion, 2001.
- HÉBERT, Louis. *An introduction to applied semiotics. Tools for text and image analysis*. Tradução de Julie Tabler. London & New York: Routledge, 2020.
- HÉNAULT, Anne. *Histoire de la sémiotique* (Que sais-je). Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- HUAI, Yu [怀宇]. *Faguo fuhaoxue yanjiu lunji* [《法国符号学研究论集》/Collected research essays on French semiotics] (Zhongguo dangdai fuhaoxue mingjia xueshu wenku). Beijing: Peking University Press, 2019.
- HUCHON, Mireille. *Histoire de la langue française*. Paris: Librairie générale française, 2002.
- IVANOV, Viacheslav. Self-portrait of a Russian semiotician in his younger and later years. In: SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *Recent developments in theory and history: The semiotic web 1990*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991, p. 3-43.
- JAKOBSON, Roman. Two aspects of language and two types of aphasic disturbances. In: *Selected writings*. Vol. 2. *Word and language*, p. 239–259. The Hague: Mouton, 1971a [1956].
- JAKOBSON, Roman. Shifters, verbal categories, and the Russian verb. In: *Selected writings*. Vol. 2. *Word and language*, p. 130–147. The Hague: Mouton, 1971b [1957].
- JAMESON, Fredric. *The ideologies of theory: Essays 1971–1986*. Vol. 2. *Syntax of history*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
- JOHANSEN, Jørgen Dines. Semiotics in Denmark. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1986. p. 115-143.
- JOYCE, Rosemary A.; GILLESPIE, Susan D. (orgs.). *Things in motion: Object itineraries in anthropological practice*. Santa Fe, NM: School for Advanced Research Press, 2015.

- KARADY, Victor. Student mobility and Western universities: Patterns of unequal exchange in the European academic market, 1880–1939. In: CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks: Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004, p. 361-399.
- KEANE, Teresa. Figurativité et perception. *Nouveaux actes sémiotiques*, n. 17, 1991. p. 1-30.
- KEAY, John. *China: A history*. New York: Basic, 2009.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Colin, 1980.
- KERŠYTĖ, Nijolė. Rethinking ideology: Greimas's semiotics, neomarxism, and cultural anthropology. *Semiotica*, n. 219. nov. 2017. p. 485-509.
- KHARBOUCH, Ahmed. Greimas et le statut métadisciplinaire de la sémiotique. In: BEN MSILA, Anouar (org.). *Greimas aujourd'hui: du sens et des langages (Actes de colloque 51)*. Actes du Colloque international, Université Moulay Ismaïl-Meknès. 22-23 nov. 2016. Meknès: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Meknès, 2019. p. 47-71.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. *Précis de sémiotique générale*. Paris: Seuil (Points essais, Sciences humaines), 2000 [1996].
- KRISTEVA, Julia. La sémiologie comme science des idéologies. *Semiotica*, n. 1. 1969. p. 196-204.
- KUNAVINA, Maria. *The impact of cultural relations and cultural exchange on perception of France in Russia and Russia in France*. Dissertação em Arts in European Culture, the Palacky University, Olomouc, 2012. Disponível em: <https://theses.cz/id/927j4k/THESIS.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.
- LABORATOIRE "SEMIOTIQUE ET PRATIQUES DISCURSIVES". Publications. Université Mohamed Khider Biskra. 2018. Disponível em: <http://lab.univ-biskra.dz/labfrançais/index.php/travaux/publications>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to actor-network theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LEMONS, Carolina Lindenberg; PORTELA, Jean Cristtus; BARROS, Mariana Luz Pessoa de. Le soin de la formation: l'institutionnalisation de la sémiotique au Brésil. *Signata - Annales des Sémiotiques / Annals of Semiotics*, v. 3, n. 1. 2012. p. 47-89.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Le cru et le cuit*. Paris: Plon, 1964.
- LEVINA, Jūratė. Nežinomas Greimas egodokumentų archive [The unknown Greimas in the egodocumentary archive]. *Darbai ir dienos/Deeds and Days*, Kaunas, n. 68, 2017. DOI: 10.7220/2335-8769.68.3. Acesso em: 20 out. 2019.
- LI, You-Zheng. Semiotics in the Peoples' Republic of China. In: Sebeok et al., 1988, p. 205-216.
- LIU, Lydia He. *The clash of empires: The invention of China in modern world making*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.
- LIU, Lydia He (org.). *Tokens of exchange: The problem of translation in global circulations (Post-contemporary interventions)*. Durham N.C.: Duke University Press, 1999.
- LU, Yongling; HAYHOE, Ruth. Chinese higher learning: The transition process from classical knowledge patterns to modern disciplines, 1860–1910. In: CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks: Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004. p. 269-306.

- MACHOR, James; GOLDSTEIN, Philip (Orgs.). *Reception study from literary theory to cultural studies*. New York: Routledge, 2001.
- MAKOVSKII, Mark Mikhailovich. O strukturoi semantike [*О структурной семантике*/On structural semantics]. Revisão de *Sémantique structurale*. Recherche de méthode (1966) por A. J. Greimas. *Voprosy jazykoznanii*, Moscow, n. 5. 1967. p. 132-140.
- MARRONE, Gianfranco. *Corpi sociali*. Processi comunicativi e semiotica del testo (Piccola Biblioteca Einaudi 115, Scienze sociali). Torino: Einaudi, 2001.
- MARRONE, Gianfranco. *Introduzione alla semiotica del testo* (Laterza universal 922). Bari: Laterza, 2011.
- MARSCIANI, Francesco; ZINNA, Alessandro. *Elementi di semiotica generativa*. Processi e sistemi della significazione (Teoria della cultura). Bologna: Esculapio, Progetto Leonardo, 1991.
- MARTINET, André. *Mémoires d'un linguiste*. Vivre les langues. Paris: Quai Voltaire, 1993.
- MARTINIÈRE, Guy. *Aspects de la coopération franco-brésilienne: transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble & Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1982.
- MCDONALD, Christie; SULEIMAN, Susan (orgs.). *French global: Une nouvelle perspective sur l'histoire littéraire*. Paris: Classiques Garnier, 2015.
- MCMAHON, Darrin; MOYN, Samuel (orgs.). *Rethinking modern European intellectual history*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2014.
- MECHTOUB, Akli. L'Énonciation d'une centralité urbaine: le cas de la rue Didouche Mourad à Alger. *AS/SA Applied Semiotics/Sémiotique appliquée*, Toronto, n. 26, 2018. Disponível em: <http://french.chass.utoronto.ca/as-sa/ASSA-No26/26-22.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- MELETINSKY, Eleazar. Strukturno-tipológisheskoe izucheny skazki [Structural-typological study of tales]. In: PROPP, Vladimir. *Morfologija skazki*. 2 ed. Moscow: Nauka, Glavnaja redakcija vostočnoj literatury, 1969. p. 134-166.
- MOYN, Samuel; SARTORI, Andrew (orgs.). *Global intellectual history*. New York: Columbia University Press, 2015.
- MOZEJKO DE COSTA, Danuta Teresa. *El contrato enunciativo en dos relatos románticos sobre el indio*. Córdoba: UNC, 1991.
- MÜLLER, Jan-Werner. *A dangerous mind: Carl Schmitt in post-war European thought*. New Haven, CN: Yale University Press, 2003.
- NADEAU, Jean-Benoît; BARLOW, Julie. *The story of French*. New York: St. Martin's Press, 2006.
- NASTOPKA, Kęstutis. Les recherches de Greimas sur la mythologie lithuanienne. *Semiotica*, n. 214 (fev.), 2017. p. 139-158.
- NÖTH, Winfried. *Handbuch der Semiotik*. 2ª ed. Stuttgart: Metzler, 2000.
- OGINO, Masahiro. Structuralism, post-structuralism and thereafter. In: Anthony Elliott, Masataka Katagiri e Atsushi Sawai (orgs.). *Routledge companion to contemporary Japanese social theory: From individualization to globalization in Japan today*. London: Routledge. ProQuest Ebook Central, 2013. p. 94-110. Acesso em: 19 dez. 2019.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

- ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE. *La langue française dans le monde, 2015–2018*. Paris: Gallimard, 2019.
- PARRET, Herman. De l'objet sémiotique. In: Michel Arrivé e Jean-Claude Coquet (orgs.). *Sémiotique en jeu: à partir et autour de l'œuvre d'A. J. Greimas* (Actes Sémiotiques). Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 1987. p. 25-42.
- PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce*. Selected philosophical writings. 2 vols. Bloomington: Indiana University Press, 1992-1998.
- PERRON, Paul. *Narratology and text: Subjectivity and identity in New France and Québécois literature*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.
- PEZZINI, Isabella (org.). *Semiotica delle passioni* (Teoria della Cultura). Bologna: Esculapio, Progetto Leonardo, 1991.
- POLEZZI, Loredana. Translation, travel, migration. In: *Translation, travel, migration. Translator*, n. 12, v.2, (edição especial), 2006, p. 169–188. DOI: 10.1080/13556509.2006.10799214 Taylor Francis Online. Acesso em: 27 dez. 2019.
- PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*, n. 14, v. 1. 2018, p. 138-143. DOI: 10.11606. Acesso em: 18 fev. 2020.
- PROST, Antoine; Jean-Richard CYTERMANN. Une histoire en chiffres de l'enseignement supérieur en France. *Le Mouvement social*, n. 233, v. 4, 2010, p. 31–46. DOI: 10.3917/lms.233.0031. Acesso em: 25 jan. 2020.
- QUEZADA, Óscar (org.). *Fronteras de la semiótica: Homenaje a Desiderio Blanco*. Lima: Universidad de Lima, Fondo de Cultura Económica, 1999.
- QUEZADA, Óscar. *Del mito como forma simbólica: Ensayo de hermenéutica semiótica*. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2007.
- QUEZADA, Óscar. *Mundo mezquino: Arte semiótico filosófico*. Lima: Fondo editorial Universidad de Lima, 2018.
- RAJ, Kapil. Introduction: Circulation and locality in early modern science. In: TERRALL, Mary; RAJ, Kapil (orgs.). *Circulation and locality in early modern science*. (edição especial). *British Journal for the History of Science*. Cambridge University Press Cambridge Core, n. 43, v. 4. 2010. p. 513-517.
- RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- RECTOR, Monica. Semiotics in Brazil. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1986. p. 47–58.
- RIASANOVSKY, Nicholas. *Russian identities*. New York: Oxford University Press, 2005.
- RIASANOVSKY, Nicholas; STEINBERG, Mark D. *A history of Russia*. 6 ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- RODGERS, Daniel. Cultures in motion. In: RODGERS, Daniel; RAMAN, Bhavani; REIMITZ, Helmut (orgs.). *Cultures in motion*. Princeton: Princeton University Press (ProQuest Ebook Central), 2013. p. 1-19.
- RODGERS, Daniel; RAMAN, Bhavani; REIMITZ, Helmut (orgs.). *Cultures in motion*. Princeton: Princeton University Press (ProQuest Ebook Central), 2013. Acesso em: 19 dez. 2019.
- ROŠKER, Jana. The concept of structure as a basic epistemological paradigm of traditional Chinese thought. *Asian Philosophy*, n. 20, v. 1, 2010. p. 79-96.

- RUDY, Stephen. Semiotics in the U.S.S.R. In: SEBEOK, Thomas Albert; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. New York: Plenum Press, 1986. p. 555-582.
- RUIZ MORENO, Luisa; ZEPEDA, María Luisa Solís (orgs.). *Encajes discursivos: estudios semióticos*. Mexico: Ediciones de Educación y Cultura & Puebla, BUAP, 2008.
- RUSSELL, Bertand. *An inquiry into meaning and truth*. London: Allen and Unwin, 1940.
- SANTAELLA BRAGA, Lucia. Brazil: A culture in tune with semiotics. In: SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic web 1989*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990. p. 123-176.
- SAPIRO, Gisèle (org.). *L'Espace intellectuel en Europe: de la formation des états-nations à la mondialisation, XIXe-XXIe siècle*. Paris: La Découverte, 2009.
- SAUNIER, Pierre-Yves. *Transnational history*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. In: BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert; RIEDLINGER, Albert (orgs.). Paris & Lausanne: Payot, 1916.
- SCHLEIFER, Ronald. *A. J. Greimas and the nature of meaning*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1987.
- SCHÖTTLER, Peter. French and German historians' networks: The case of the early Annales. In: CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks: Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004. p.115-133.
- SCHWARTZMAN, Simon. *A space for science: The development of the scientific community in Brazil*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1991.
- SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. London: Plenum, 1986.
- SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic web 1989*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990. ProQuest Ebook Central. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/purdue/detail.action?docID=3042116>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean; POSNER, Roland (orgs.). *The semiotic web 1987*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. ProQuest Ebook Central. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/purdue/detail.action?docID=935156>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- SECORD, James A. Knowledge in transit. *Isis*, n. 95, v. 4. dez. 2004. p. 654-672. JSTOR, disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/430657>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. *Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle, and the experimental life*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985.
- SKINNER, Quentin. *The foundations of modern political thought*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- STOCKINGER, Peter. *Semiotik*. Beitrag zu einer Theorie der Bedeutung. Stuttgart: H.-D. Heinz, 1983.
- STONE, Lawrence. The revival of narrative reflections on a new old history. *Past and Present*, n. 85, 1979, p. 3-24.



- STOŠKUS, Krescencijus. Struktūralistiniai kultūrologijos principai ir leituvių mitologija [Structural principles of cultural studies and Lithuanian mythology]. *Problemos*, n. 2. Vilnius, 1972, p. 113-121.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: Notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, n. 31, v. 3. 1997. p. 735-762.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Global intellectual history beyond Hegel and Marx. *History and Theory*, n. 54. fev. 2015. p. 126-137.
- SVERDIOLAS, Arūnas. Algirdas J. Greimas's egology. *Actes sémiotiques*, Limoges, n. 122, 2019. DOI: 10.25965/as.6328. Acesso em: 19 out. 2019.
- TARASTI, Eero. *Myth and music: A semiotic approach to the aesthetics of myth in music, especially that of Wagner, Sibelius and Stravinsky (Approaches to Semiotics 51)*. The Hague: Mouton, 1979.
- TARASTI, Eero. Semiotics in Finland. In: SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (Orgs.). *The semiotic sphere*. London: Plenum, 1986, p. 145-152.
- TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- TATIT, Luiz; LOPES, Ivã. *Elos de melodia e letra. Análise semiótica de seis canções*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- TERLECKAS, Vladas. *The tragic pages of Lithuanian history: 1940-1953*, Aušra Reklaitytė (trans). Vilnius: Petro ofsetas, 2014.
- TERRALL, Mary; RAJ, Kapil (orgs.). *Circulation and locality in early modern science*. (Edição especial). *British Journal for the History of Science*. Cambridge University Press Cambridge Core, n. 43, v. 4, 2010. Acesso em: 7 dez. 2019.
- TOYAMA, Tomonori. Semiotics in Japan. In: SEBEOK, Thomas A.; UMIKER-SEBEOK, Jean (orgs.). *The semiotic sphere*. London: Plenum, 1986, p. 323-342.
- VASSAL, Roberta. USP 83 anos: a história dos primeiros professores da universidade. *Jornal de USP Universidade de São Paulo*, n. 24. jan. 2017.
- VELMEZOVA, Ekaterina. On the early stages of the reception of the Saussurean concept of semiology in Russia. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 57. 2018a. p. 165-178.
- VELMEZOVA, Ekaterina. Le triomphe du structuralisme et le triomphe du 'Cours de linguistique générale' en URSS dans les années 1950-1960. In: BRUNO, M. W. et al. (orgs.), *Linguistica e filosofia del linguaggio: Studi in onore di Daniele Gambarara*. Milan: Mimesis, 2018b. p. 525-533.
- VINOGRADOV, V. A. Structural linguistics. *Great Soviet encyclopedia*. London: Collier Macmillan, v. 24, 1980. p. 598-599.
- WAGNER, Peter. Introduction to Part I. In: CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004. p. 17-25.
- WALTON, Whitney. *Internationalism, national identities, and study abroad: France and the United States, 1890-1970*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2010.
- WERNER, Michael. *Philological networks. A history of disciplines and academic reform in nineteenth-century France*. In: CHARLE, Christophe; SCHRIEWER, Jurgen; WAGNER, Peter (orgs.). *Transnational intellectual networks Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus, 2004. p. 205-224.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN Bénédicte. Beyond comparison: Histoire croisée and the challenge of reflexivity. *History and Theory*, n. 45, v. 1. fev. 2006. p. 30-50. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590723>. Acesso em: 6 jan. 2020.

WORLD BANK. *Data Bank, World Development Indicators, annual reports*. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators>. Acesso em: 8 jan.-21 fev. 2020.

ZHANG, Xudong. Modernity as cultural politics: Jameson and China. In: HOMER, Sean; KELLNER, Douglas (orgs.). *Fredric Jameson: A critical reader*. London: Palgrave Macmillan, 2004. p. 169-194. DOI: 10.1057/9780230523524\_10. Acesso em: 21 out. 2018.

ZIMA, Peter V. *Textsoziologie*. Eine kritische Einführung. Stuttgart: Metzler, 1980.

ZIMA, Peter V. *Roman und Ideologie*. Zur Sozialgeschichte des modernen Romans. Munich: Fink, 1986.

ZINNA, Alessandro. *Le interfacce degli oggetti di scrittura: teoria del linguaggio e ipertesti* (Segnature 25). Rome: Meltemi, 2004.

---

**📄 The international reception of A. J. Greimas's oeuvre:  
travels, translations, transmissions**

👤 BRODEN, Thomas F.

**Abstract:** This case study in the history of language sciences is part of the methodological perspective of intellectual history, in which we analyzed the international impact of A. J. Greimas (1917-1992) and his work, by studying the practices of communication, displacement, and translation. The scientific missions conducted outside France, the number and origin of foreign students enrolled in his seminar in Paris, as well as the chronology and linguistic geography of the translations carried out of his work help to trace, evaluate and explain the dissemination and worldwide development of his ideas. His project inspired distinctive appropriations and sometimes institutional structures in several cultural and linguistic contexts, including Romance, Anglo-American, Germanic, Slavic, Lithuanian, and East Asian contexts. The conclusion of this essay assesses the importance played by personal contact, the socio-historical context, and the sociolinguistic and didactic status of French for the worldwide reception of Greimas. Besides, this work is based on published scientific work, archival documents, interviews, and personal communications with translators and editors, with Greimas and his collaborators, and with specialists from the different cultures studied.

**Keywords:** intellectual history; international reception; Greimas; semiotics; translation.

---

**Como citar este artigo**

BRODEN, Thomas F. A recepção internacional da obra de A. J. Greimas: viagens, traduções, transmissões. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. Trad. Flavia Karla Ribeiro Santos e Patricia Veronica Moreira. São Paulo, abril de 2021. p. 1-45. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

**How to cite this paper**

BRODEN, Thomas F. A recepção internacional da obra de A. J. Greimas: viagens, traduções, transmissões. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. Translated by Flavia Karla Ribeiro Santos and Patricia Veronica Moreira. São Paulo, april 2021. p. 1-45. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed em: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 17/01/2021.

Data de aprovação do artigo: 03/02/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

